



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**  
**CURSO DE PEDAGOGIA**

**KÉLLER BARROSO TEIXEIRA**

**O AFETO ENTRE ESTUDANTE E PROFESSOR E**  
**SUA RELEVÂNCIA PARA OS PROCESSOS**  
**DE APRENDIZAGEM E DE ENSINO**

**FORTALEZA**

**2020**

**Kéller Barroso Teixeira**

**O AFETO ENTRE ESTUDANTE E PROFESSOR E  
SUA RELEVÂNCIA PARA OS PROCESSOS  
DE APRENDIZAGEM E DE ENSINO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Coordenação do Curso de Pedagogia, da Faculdade  
de Educação, da Universidade Federal do Ceará,  
como requisito parcial para a obtenção do título de  
Licenciado em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Meireles Barguil

**FORTALEZA**

**2020**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

- T266a Teixeira, Kéller Barroso.  
O afeto entre estudante e professor e sua relevância para os processos de aprendizagem e de ensino. /Kéller Barroso Teixeira. – 2020.  
57 f.: il. color.
- Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Curso de Pedagogia, Fortaleza, 2020.  
Orientação: Prof. Dr. Paulo Meireles Barguil.
1. Afetividade. 2. Educação Holística. 3. Educação Afetiva. 4. Autobiografia. I. Título.

CDD 370

---

**Kéller Barroso Teixeira**

**O AFETO ENTRE ESTUDANTE E PROFESSOR E  
SUA RELEVÂNCIA PARA OS PROCESSOS  
DE APRENDIZAGEM E DE ENSINO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Coordenação do Curso de Pedagogia, da Faculdade  
de Educação, da Universidade Federal do Ceará,  
como requisito parcial para a obtenção do título de  
Licenciado em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Meireles Barguil

Aprovado em: 18 / 12 / 2020

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Paulo Meireles Barguil – Presidente  
Universidade Federal do Ceará

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Luciane Germano Goldberg  
Universidade Federal do Ceará

---

Prof<sup>a</sup>. Ma. Débora Cristina Vasconcelos Aguiar  
Universidade Estadual do Ceará

A Jesus Cristo, autor e consumidor da minha fé, que me ensinou o caminho do amor, da compaixão, da empatia. Que me mostrou o valor do ser humano e me impulsionou a acreditar que todos podem ter chances de ser felizes e plenos. Que me fortalece em cada decisão e me faz ser uma pessoa apaixonada por tudo o que faz. Ele é meu fôlego de vida, minha inspiração, o sentido do meu amanhã.

## AGRADECIMENTOS

A gratidão é algo muito importante para mim. Reconhecer a participação de outras pessoas em nossa vida é como o surgimento de bons frutos depois de uma árdua plantação. O salmista Davi fala à própria alma para que ela se lembre de todas as bênçãos recebidas e bendiga ao Senhor Deus por cada uma delas conforme registrado em Salmos número 103, versículo dois da Bíblia Sagrada. Por isso, a gratidão deve estar sempre viva em nosso ser como parte integrante de nossas ações até transbordar que é a demonstração aos outros. Ser grato pelas atitudes recebidas é um ato de amor e de paz, tanto de quem é agradecido como por quem recebe a ação. Tantas vezes não sabemos as lutas de quem nos cerca. A corrida rotina deixa-nos imersos em preocupações, em limitações, em dores, em dúvidas. Quando penso em agradecer, penso no afeto derramado e na alegria emanada de um ato tão perceptivelmente simples, mas internamente forte e inesquecível.

Deixo expresso neste escrito tão importante em minha trajetória acadêmica, minha primícia em agradecer a Deus por todas as coisas que aconteceram em minha vida desde minha concepção. Cada sorriso, lágrima, vitória, derrota, relacionamento, ganho, perda, faz parte de quem sou hoje e sou eternamente grata.

Agradeço a Faculdade de Educação pertencente à Universidade Federal do Ceará por abrir suas portas para mim, por proporcionar disciplinas, palestras, seminários, discussões, que possibilitaram a construção de uma profissional da Educação sensível, reflexiva, ciente do seu papel junto à sociedade. Estar nesta universidade foi um sonho realizado, o qual consegui realizar com muito esforço.

Agradeço aos meus pais por terem me trazido à vida, pelo esforço constante e diário para oferecer o melhor que podiam durante minha infância e até hoje. Sou grata por terem abdicado de tantas coisas em suas vidas para que eu pudesse voar ainda mais alto. Ao meu pai, Jairo Teixeira, agradeço por, apesar de não estar tão presente, lutar todos os dias para nunca me deixar faltar o trivial. Educou-me, ensinou-me a ser uma pessoa com princípios, que respeita o próximo, mas que também luta por seus direitos e que trabalha com afinco para crescer sem humilhar ninguém. À minha mãe, Valdema Barroso, agradeço pelo seu cuidado presente, por abrir mão de empregos, até mesmo de uma profissão tão almejada para criar a mim e minha irmã de forma mais presente. Ensinou-me a palavra de Deus e guiou-me no caminho para que meu caráter fosse formado conforme os ensinamentos de Jesus Cristo. Devo aos seus esforços em me levar à Igreja e me admoestar conforme a Bíblia para culminar

na adulta que sou hoje, que acredita na mudança das pessoas e que há um propósito para cada um de nós enquanto seres terrestres. Meus pais também me deram o presente mais incrível que eu poderia ter: minha irmã. Andressa Ellen apareceu em minha vida quando eu tinha sete anos de idade e desde então minha vida nunca mais foi a mesma. Ao contrário do que muitos irmãos se transformam, minha irmã nunca foi uma concorrente, ela é uma parceira que me acompanha em tudo. Construimos ao longo dos anos uma amizade firme e sólida. É lindo ver o crescimento de cada uma em suas respectivas áreas e perceber o quanto torcemos uma pela outra, o quanto somos um apoio mútuo. Eu a amo da forma mais linda possível sou grata por todas as palavras de ânimo e compreensão por, muitas vezes, precisar me ausentar. Minha irmã é o sopro de alegria em meio à minha rotina de cobranças e preocupações.

Não posso deixar de agradecer ao meu esposo, Rogério Alves, pelo seu cuidado comigo e por apostar em meus sonhos. Obrigada por compreender minhas noites em claro, meu trabalho excessivo e por ver esse tempo como uma plantação em que eu preciso dar atenção a esse arado para posteriormente colhermos os frutos juntos. Ele quebra a seriedade de minha vida, me faz sorrir em meio às tormentas e faz perceber que podemos resolver tudo com leveza. Isso é paz para minha alma.

Agradeço ao meu orientador, o professor doutor Paulo Meireles Barguil por toda sua paciência, seu empenho em me ajudar e por ter acreditado em mim. Agradeço por ter encontrado um professor tão profundo em suas crenças, suas reflexões, seu interesse pelo afeto e pela construção do Ser para além dos conteúdos de uma grade. Tê-lo encontrado foi um grande presente que recebi da vida, pois me ensinou a pensar e a defender tal pensamento. Saber que existe um profissional assim na Educação traz esperança.

Por fim, agradeço aos meus companheiros de graduação que foram um apoio em tudo para mim, inclusive nas inúmeras vezes que pensei em parar, em desistir, em trancar, devido à sobrecarga de trabalho. Foram a ajuda, o apoio, as palavras de conforto deles que me fizeram chegar até o fim. Quem tem amigos, com certeza, tem um tesouro e minhas riquezas são: Heidyani Leão, dona de um vocabulário incrível, de uma força e uma coragem que me inspiraram muito; Thamyly Ribeiro, um amor guardadinho em uma película de braveza e perseverança. Ah como você foi uma peça fundamental para mim!; Dario Sales, jamais me esqueceria de você. Demos muitas risadas em meio à nossa áurea séria de contadores. Saímos de Ciências Contábeis para Pedagogia e foi uma parceria que deu certo, a junção da exatidão dos cálculos com a incerteza dos planejamentos de aula. Obrigada, amigos, pelo auxílio que me deram, pelas palavras de equilíbrio que me fizeram tão bem, que me conduziram a chegar até o fim e realizar meu primeiro grande sonho: ser Pedagoga.

Agradeço, ainda, à minha primeira coordenadora do Sistema de Ensino Integral, Alice Xavier, que participou da minha primeira entrevista de emprego e viu em mim um potencial a ser desenvolvido. Acolheu-me quando pensei que não ia dar conta, cuidou de mim, me ouviu e sempre me estimulou a estudar e crescer, além de ter sido apoiadora, ajudante desta produção, pois graças à oportunidade que ela me deu, tenho tantas histórias para contar. Agradeço a minha coordenadora de Ensino Fundamental 1, Rachel de Queiroz, que a vida insistiu em nos unir e graças a Deus por isso. Foi minha professora no 1º ano do Ensino Fundamental, em 1998, e, quando me viu novamente, eu já era a adulta profissional que todo professor tem orgulho de ver. E eu recebo esse olhar de orgulho e admiração todos os dias. Ela me estimula, me inspira, tira os pesos dos meus ombros que, muitas vezes, insisto em colocar. Ela viu em mim uma grande professora, mesmo sem eu ter experiência em sala de aula, me deu a oportunidade de desenvolver minhas habilidades e vê em mim o que ainda não consigo ver. Obrigada por ver um leão no gatinho que ainda sinto ser. Obrigada por me acolher e me impulsionar a lutar por meus ideais. Deus colocou anjos no meu caminho profissional que eu jamais esquecerei. Levarei sempre essa gratidão.

Agradeço, por fim, ao meu pastor Cláudio Guerra que sempre me estimulou a escrever, a concluir este trabalho, a ver quem sou, a me descobrir e com uma frase me deu a segurança que eu precisava: eu acredito no que você carrega e na resposta que você é para a Educação. Ele sempre me diz isso e volto ao meu eixo. Agradeço a Deus por ter colocado um líder em minha vida que realmente cuida de mim e que torce pelo meu desenvolvimento, me fazendo perceber que o que faço e sou é bem maior do que realmente parece. Obrigada!



## RESUMO

O ser humano possui muitas dimensões – corporal, emocional, racional – as quais estão envolvidas em seu processo de aprendizagem. Com bastante frequência, a Educação escolar se preocupa apenas com a dimensão racional, desconsiderando as demais dimensões. Este trabalho objetiva refletir sobre as contribuições da afetividade do professor, durante o ensino, na aprendizagem e no desenvolvimento integral dos estudantes, sendo necessário que aquele tenha um olhar sensível para si e para esses e desenvolva em ações educativas que consideram o holismo. Inicialmente, foi realizada uma pesquisa bibliográfica sobre a temática. Posteriormente, desenvolvi um relato sobre algumas situações da minha vida e da minha trajetória como profissional da Educação. Concluo constatando que o amor e a sensibilidade aliados às práticas educacionais podem dar um novo significado ao aprender, ao ensinar e à Educação.

Palavras-Chave: Afetividade. Educação. Aprendizagem. Habilidades. Desenvolvimento Holístico.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>09</b>
<b>2</b>	<b>NOS AVessos DO MEU EU, VI-ME PEDAGOGA .....</b>	<b>12</b>
<b>3</b>	<b>A AFETIVIDADE E A APRENDIZAGEM .....</b>	<b>20</b>
<b>3.1</b>	<b>O ser humano e o desenvolvimento holístico .....</b>	<b>20</b>
<b>3.2</b>	<b>O amor rege a Educação .....</b>	<b>23</b>
<b>3.3</b>	<b>As competências socioemocionais na BNCC .....</b>	<b>33</b>
<b>3.3.1</b>	<b><i>Competência sete</i> .....</b>	<b>34</b>
<b>3.3.2</b>	<b><i>Competência oito</i> .....</b>	<b>35</b>
<b>3.3.3</b>	<b><i>Competência nove</i> .....</b>	<b>36</b>
<b>3.3.4</b>	<b><i>Competência dez</i> .....</b>	<b>37</b>
<b>4</b>	<b>QUEM AMOR PLANTA, AMOR COLHE .....</b>	<b>40</b>
<b>4.1</b>	<b>Situações na Educação Infantil .....</b>	<b>40</b>
<b>4.2</b>	<b>Situações no Sistema de Ensino Integral .....</b>	<b>41</b>
<b>4.3</b>	<b>Situações nos anos iniciais do Ensino Fundamental .....</b>	<b>42</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>48</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>50</b>
	<b>APÊNDICE A – RECORDAÇÕES IMAGÉTICAS DE AFETO .....</b>	<b>52</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O ensino está em nosso cotidiano na maioria das atividades que realizamos. O ser humano ensina seus semelhantes a realizarem algo de forma mais fácil e eficaz. Gostamos de demonstrar que sabemos, que temos habilidade com algo e, ao longo da história, percebemos como os registros de tais conhecimentos foram importantes para agregar saber às gerações.

Nas sociedades tribais, o conhecimento era passado de pai para filho por meio das vivências dos trabalhos que deveriam ser realizados para o bem comum e para a sobrevivência desses povos. Durante a Idade Média, o ensino era mais voltado para a religião e para a salvação da alma e os monastérios guardavam, por trás de seus muros, muitas descobertas importantes, as quais foram comprovadas posteriormente.

Para se contrapor a esse sistema, o Renascimento e seu pensamento humanista, individualista e científico transformou o modo de pensar de grande parte da população para que pudesse ter outra visão de mundo.

A Reforma Protestante, iniciada por Lutero, também demonstrou a necessidade que as pessoas possuíam por um conhecimento mais profundo, global e prático, isto é, as pessoas queriam o direito de ter acesso às produções escritas.

A Contra Reforma soprou ainda mais o ensino religioso a outros locais do mundo e, dessa forma, iniciou-se a Educação Brasileira. Os padres Jesuítas foram os primeiros professores do Brasil no período colonial e foram incumbidos de catequizar os índios e ensinar a elite.

Durante esse processo, vemos a formalização da educação com a instauração de escolas e suas metodologias criadas e aperfeiçoadas a cada nova geração. A instituição escolar passou a ser um centro do conhecimento, onde as pessoas vão para aprender e se tornam instruídas, formadas, profissionalizadas. Regras, horários, chamadas, conteúdos, provas, produções científicas, professores exigentes: são características em qualquer escola.

Essa postura rígida levou à elevação dos números de evasões escolares ao longo dos anos e era comum muitas pessoas – principalmente de classes sociais inferiores que somado a isso tinham outras questões abrangentes – não concluírem as fases do ensino regular almejadas para cada faixa etária, deixando, portanto, sua formação de lado.

Com o passar dos anos, a sociedade foi se desenvolvendo, os direitos foram sendo criados e ampliados, as mulheres avançaram no mercado de trabalho, o desenvolvimento da tecnologia possibilitou a disseminação do conhecimento e o fácil acesso a plataformas digitais de diversas temáticas.

A corrida pelo mercado de trabalho e a necessidade de ter uma melhor condição de vida exigiram que as pessoas fizessem várias atividades, se ausentando mais do convívio familiar. E os filhos dessa atarefada geração são criados pelos televisores, celulares, *tablets*, pelas babás, pelas professoras, pelas escolas tecnológicas e de ensino integral. Pais cansados e sobrecarregados, pais que abandonam, pais que transferem a responsabilidade para outras pessoas também embasam uma linhagem ferida emocionalmente.

Estamos vivenciando uma geração mais imediatista, com pouca presença familiar, com muito conteúdo disponível, mas, grande parte, com pouca relevância. Estamos em um momento em que o acesso ao conhecimento é muito mais facilitado e atinge uma grande massa de pessoas, no entanto, não é valorizado como outrora. É válido ressaltar que me refiro às comunidades urbanas, levando em consideração que existem grupos que possuem um acesso mais limitado e/ou preferem não ter um contato tão profundo para manter firmes suas tradições.

O foco da nossa sociedade não tem referência a dar relevância ao emocional. Por muitos anos, essa parte da nossa composição humana foi desprezada e percebemos o prejuízo que nos trouxe. Adultos que não conseguem expressar seus sentimentos, antes preferem abafá-los com distrações, recalcando aquilo que deveria ser resolvido. Somos crianças crescidas não resolvidas que geramos crianças que não se conhecem. Perpetuamos por meio de falsas crenças um auto-julgamento e a baixa autoestima que desenvolve uma sociedade de alma doente e mente apática.

Por isso, as distrações são tão relevantes enquanto que a busca pelo conhecimento se transformou em um fardo. Pensar em si, na própria história, nos próprios erros, traz desconforto emocional e muitos fogem disso. Até mesmo os profissionais de saúde mental ainda são mal vistos por grande parte da população, que considera algo desnecessário para quem não possui distúrbios psíquicos. A verdade é que todos nós precisamos de uma mente saudável para desenvolver uma sociedade da mesma forma.

A escola assumiu o papel familiar de educar, acalantar, ouvir, abraçar. Percebemos em nossas experiências profissionais nas escolas que, independente da classe social, a lacuna é a mesma: afeto. Eis o grande desafio, transformar uma instituição cujo objetivo, em toda sua história, é a transmissão de conhecimentos detento pelo mestre aos estudantes sem grandes ligações afetivas, em um lugar acolhedor e sensível ao outro. Ainda mais no contexto em que vivemos cuja corrida pela melhor nota, pelo primeiro lugar, pelo curso mais concorrido e lucrativo, pela faculdade mais renomada, pelo emprego que melhor paga.

Que caminhos podemos seguir para mudar essa realidade de uma educação engessada e insípida? Como podemos ensinar as crianças a acreditar em si mesmas e a romper com o pessimismo da mente e do meio? Como transformar a escola em um lugar seguro e amável com a mudança de postura dos professores? São esses questionamentos que regerão esta produção e que pretendo responder nas páginas a seguir.

O objetivo principal deste trabalho é refletir sobre as influências da afetividade no processo educacional escolar. Os objetivos específicos são: refletir sobre o desenvolvimento holístico, destacando a dimensão emocional; e caracterizar a afetividade na Educação escolar, identificando a sua presença na relação professor-estudante.

Para isso, apresentarei, no capítulo dois, trechos da minha trajetória desde a infância até me descobrir Pedagoga. Discorrerei sobre a relação entre a afetividade e a aprendizagem diante de alguns fatos vivenciados por mim durante minha vida escolar e acadêmica. No capítulo três, escreverei sobre a importância da relação de afeto entre professor e aluno tendo como base a visão holística do ser, comentarei sobre o aspecto socioemocional com base na BNCC e, por fim, no capítulo quatro, trarei experiências de alguns casos vivenciados durante fases que passei na Educação Infantil, no Ensino Fundamental 1 e no Sistema de Ensino Integral aplicando a Pedagogia do Afeto e o olhar holístico para com as crianças.

## 2 NOS AVessos DO MEU EU, VI-ME PEDAGOGA

Neste capítulo, descreverei um pouco sobre mim, sobre minha história e meus sonhos.

Formalidade é uma palavra que me acompanha por toda minha vida, por isso, tudo o que faço tem um peso muito significativo. Escrever sobre si mesmo é fundamental para organizar os pensamentos e entender os processos que nos formaram. Estamos tão acostumados a cumprir regras e realizar tarefas que nosso emocional é colocado de lado para que estejamos sempre atentos às obrigações.

Comigo foi assim, estive sempre imersa em tantas formalidades sujeitadas pela vida que chegou um momento que eu nem sequer me conhecia mais. Não sabia meus gostos, não tinha sonhos, não tinha perspectivas, apenas deixava os dias passarem, atarefada com muitas atividades para me impedir de olhar para mim mesma. Há um poeta que afirma que “um homem sem sonhos é um homem sem vida” e eu concordo com esse pensamento, mas vou me apresentar primeiro para partir para pontos mais profundos de meu ser.

Sou Kéller Barroso Teixeira, nasci em Fortaleza/CE no dia 26 de maio de 1992. Minha mãe chama-se Valdema e não teve cultura de estudos, quando concluiu o Ensino Médio, já estava casada e meu pai a incentivou a estudar enfermagem, uma paixão que ela descobriu em si. No entanto, foi um sonho latente e optou pela carreira de autônoma, consultora de vendas, a qual realiza atualmente. Meu pai chama-se Jairo e, embora com uma infância difícil, sempre foi esforçado para construir uma profissão. Hoje, é contador e consultor imobiliário e possui seu próprio escritório de médio porte no bairro Jardim América. Minha irmã, única, é sete anos mais nova do que eu, concluiu o Ensino Médio em 2016 e está cursando o quinto semestre de Enfermagem na Universidade Estadual do Ceará. Fomos criadas em duas formas extremas: se por um lado minha mãe não cobrava nada além de um comportamento perfeito, meu pai cobrava que as obrigações sempre viessem antes do descanso ou das brincadeiras (ainda é assim). Nenhuma das duas filhas quis continuar o negócio contábil do pai, mas são esclarecimentos que serão retomados.

Tenho quatro amigos em especial que trago comigo desde o Ensino Médio (2007). São muito preciosos para mim e é assustador ver nosso caminho rumo à fase adulta. Dois deles se formaram no final de 2016, uma em Psicologia e outro em Publicidade e Propaganda, ambos pela Universidade de Fortaleza – UNIFOR. A outra é missionária protestante e trabalha com projetos sociais. O outro é professor de Matemática na mesma escola que

leciono atualmente. Sou aquele tipo de pessoa que não tem muitos amigos, mas os poucos que tenho, posso contar de verdade.

Atualmente, moro com meu esposo em um apartamento que compramos recentemente e não tenho filhos. Trabalho com meu pai em seu escritório de contabilidade desde meus dezessete anos de idade e já passei por vários setores até chegar no financeiro, o qual lidero. No entanto, com certeza não é minha paixão, trabalho mais por amor ao meu pai do que à profissão ou à atividade.

Cursei meio semestre de Ciências Contábeis na Faculdades Cearenses enquanto aguardava o resultado da UECE porque meu pai não queria que eu perdesse um mês sequer e, nessa pressa, acabei “perdendo” quatro anos porque fiquei insistindo na Contabilidade e nas Ciências Econômicas (cursei três semestres na UFC). Coloquei “perdendo” entre aspas porque acredito que nada que nos traz um aprendizado ou conhecimento a mais é perda de tempo, e acredito que, para eu me descobrir enquanto pedagoga, cada passo trilhado foi importante.

Além de ajudar meu pai no Setor Financeiro de seu escritório, eu leciono Geografia, História e Educação Cristã nas turmas do 4º ano pela manhã e pela tarde auxílio a turma dos anos iniciais do Ensino Fundamental no Sistema e Ensino Integral, que é no modo seriado, isto é, lido com meninos de 6 a 9 anos de idade. Mas, até eu chegar a essa função, eu sofri muito.

Como eu expressei, trabalhava integralmente com meu pai e tinha um sentimento de obrigação de ser o que ele queria que eu fosse como um ato de reconhecimento pelo o que ele fez por mim durante toda sua vida. Eu acreditava que eu precisava retribuir com a minha vida.

Quando eu concluí o Ensino Médio, eu fui imediatamente trabalhar em seu escritório quando ia fazer vestibular, perguntava a meu pai que curso eu deveria fazer e, assim, cursei três anos de Ciências Contábeis na UECE e um ano e meio de Economia na UFC.

A sensação de estar nessas universidades era maravilhosa, mas o fato de eu estar fazendo algo que ia de encontro às minhas reais habilidades destruía meu emocional. Minhas notas eram péssimas e eu não conseguia me ver em nenhuma dessas profissões. Então, depois das aulas, eu ia ao banheiro e chorava. Sentia-me tão incapaz de fazer tudo aquilo. Eu ia destruindo-me aos poucos.

Eu parei de olhar para os meus interesses para pagar por algo que foi me dado gratuitamente. Fico pensando quantas pessoas estão nessa mesma situação e pensam ser

incapazes, quando, na verdade, só estão em locais errados com o intuito ou de agradar alguém ou de ganhar um dinheiro que não vai dar satisfação e felicidade.

Quando eu decidi por fazer Pedagogia, eu não perguntei a ninguém. Eu acordei certa manhã e decidi que eu devia fazer o vestibular por minha escolha. No primeiro dia de aula em Pedagogia na UFC, eu sentia que estava no lugar certo, estudando a área certa. Lembrei-me das vezes que eu, quando criança, juntava os toquinhos de giz que caíam das mãos da professora enquanto escrevia no quadro negro e, quando chegava em casa, reproduzia toda a aula para as minhas bonecas. Lembrei-me de como eu amava ensinar na escola bíblica dominical em todas as séries, para todas as idades.

No entanto, todo esse processo eu passei em silêncio. Meu pai não sabia desse meu novo posicionamento e eu não sabia como falar. Foi um processo muito difícil, mas ele me amadureceu muito. Fez-me crescer e aprender a tomar minhas próprias decisões entendendo que eu não tinha dívidas com meus pais. Em vez disso, eu poderia trocar o fardo da obrigação por gratidão e honra e isso não significa que eu deveria abrir mão de mim mesma. O medo passou e deu lugar ao sonho e à esperança.

Pela primeira vez meu coração pulsava de alegria por saber que eu ajudaria pessoas, transformaria vidas. Foi então que eu decidi abrir meu coração para meu pai e dizer o que eu realmente almejava para meu futuro. Claro que ele ficou decepcionado e por muito tempo lançou palavras de reprovação, mas eu fiquei firme em meu posicionamento porque agora eu sentia a vida pulsar em minhas veias, sentia meu interior aquecer, sentia-me útil.

Eu sei, pareço romântica frente à realidade da Educação Brasileira e de todas as dificuldades e falta de reconhecimento que o professor possui, mas nada disso foi impedimento para que eu sonhasse cada vez mais. Lembro-me das vezes que ia realizar algumas pesquisas de campo e as professoras me recebiam com palavras de “acolhimento” como: “Minha filha, procure outro rumo”, ou “Corra enquanto está no começo e você é nova, eu que não tive outra opção”, palavras de “encorajamento” que não me derrubaram em minha paixão por ensinar.

Durante quase todo o curso de Pedagogia, eu apenas trabalhei com meu pai e não tinha coragem de colocar currículos em escolas, pois ainda tinha a culpa e a sensação que estava o abandonando, até que me vi quase formada e surgiu a preocupação de ser pedagoga, mas sem experiência.

Então, eu pedi a um amigo meu, o qual citei anteriormente, que levasse meu currículo à escola onde ele trabalhava. Confesso que não tinha grandes pretensões, afinal eu



não tinha experiência. Mas fui surpreendida quando fui chamada para a entrevista, a primeira de toda minha vida e, em alguns dias, convidada para fazer parte do quadro de funcionários.

Foi uma mistura de alegria, preocupação e busca pela minha identidade. Alegria porque estava realizando um grande sonho. Preocupação porque eu não podia abrir mão do escritório e a proposta era para os dois turnos. Busca pela identidade porque eu não fazia ideia do tipo de professora que eu queria ser e em qual faixa etária eu me encaixaria.

Ao ser admitida, soube que eu não ia diretamente para uma sala de aula, mas sim para o Sistema de Ensino Integral – SEI. Eu tinha uma noção do que era, pois, no estágio obrigatório de Educação Infantil, vivenciamos a rotina da tarde das crianças que incluía banho, refeições e atividades lúdicas.

O Sistema de Ensino Integral – SEI tem por objetivo global oferecer uma carga horária mais estendida aos alunos de forma que tenham o ensino regular de aulas em um turno, geralmente pela manhã, e ensinamentos mais específicos, grupos de estudo, esportes e laboratórios pela tarde. No Brasil, a maioria das escolas não trabalha com Ensino Integral.

As escolas privadas trabalham mais com esse sistema no âmbito da Educação Infantil. Já as escolas públicas oferecem esse sistema para a Educação Infantil e para o Ensino Médio, que está inserido no projeto das escolas profissionalizantes, as quais estão crescendo bastante em nosso país.

Neste capítulo, compartilharei relatos de minha vivência no contexto de uma escola particular de grande porte na cidade de Fortaleza. Durante os momentos de prática que tive no Sistema de Ensino Integral, pude perceber que a afetividade é muito mais presente, isto é, possui muito mais espaço. Em primeiro lugar porque a criança fica por volta de dez a doze horas na escola, longe da presença dos pais.

As crianças da Educação Infantil, admitidas por esse sistema, possuem a partir de dois anos de idade e, apesar de ser uma nova forma de ajudar os pais a continuarem sua jornada trabalhista, a distância familiar é bastante sentida. Por isso, os profissionais da educação que cuidam dessas crianças bem pequenas diariamente devem ser uma extensão do cuidado de mãe, mas com a precaução de entender-se como profissional. Essa separação é uma linha muito tênue que precisa ser trabalhada tanto na percepção do profissional como da criança.

A outra faixa etária admitida pelo SEI desta escola compreende as idades de seis a nove anos, isto é, do primeiro ano ao quarto ano do Ensino Fundamental. O princípio da acolhida, do afeto e do amor é igual ao aplicado na Educação Infantil.

As salas são compostas por colchões, armários que guardam os lençóis e pertences das crianças, brinquedos pedagógicos, computador, projetor, caixa de som, lousa, mesas e cadeiras. As salas são organizadas com o objetivo de que a criança possa relaxar, dormir, brincar, estudar e ter seus momentos de socialização com crianças de idades diversificadas, já que são seriadas.

Além disso, são separadas por sexo e faixa etária. São quatro grandes salas organizadas e preparadas para receber as crianças: 1. meninas de dois a cinco anos de idade (do Infantil 2 ao Infantil 5); 2. meninos de dois a cinco anos de idade (do Infantil 2 ao Infantil 5); 3. meninas de seis a nove anos de idade (do primeiro ao quarto ano do Ensino Fundamental); 4. meninos de seis a nove anos de idade (do primeiro ao quarto ano do Ensino Fundamental).

A rotina em si tenta acolher a criança como se em casa estivesse, mas com regras e rotinas a cumprir. Após a conclusão da aula regular matinal, as monitoras buscam as crianças em suas salas de aula e levam para salas diferenciadas na escola, voltadas para acolhê-los. Em seguida, levam-nas ao banheiro específico para cada sala conforme divisão mencionada.

Cada sala possui seu banheiro com seus armários e pertences de banhos e roupas para as crianças trocarem no decorrer do dia. Após esse primeiro banho, as crianças são conduzidas ao refeitório para o almoço, o qual é acompanhado por uma equipe de nutrição empenhada em oferecer um cardápio equilibrado e apreciativo.

Quando terminam de almoçar, são levadas ao banheiro para escovarem os dentes e, em seguida, retornam à sala para o momento do descanso. Ali, há um ambiente de paz, com música relaxante, temperatura e iluminação agradáveis para a soneca que dura cerca de uma hora.

Nesse momento, há muita troca de afeto, de toque, de olhar, pois muitos são acostumados a dormir com a mãe, então precisam sentir-se seguros para conseguirem relaxar. As crianças menores recebem o ninar, as crianças maiores, a companhia do aconchego.

Quando finaliza o tempo do soninho, as crianças são acordadas com muitos beijinhos, cheirinhos e incentivo para estudar. Em seguida, a banca de estudos começa com revisão dos conteúdos que aprenderam pela manhã e realização das atividades de casa. Às três horas da tarde, as crianças retornam ao refeitório para o lanche e, em seguida, são conduzidas a alguma atividade extra conforme o cronograma do dia da semana: karatê/ballet, psicomotricidade, natação, jogos pedagógicos, cinema, brincadeiras livres.

Por volta de 16h, as monitoras dão o segundo banho nas crianças, organizam os materiais e às 16h40 a pré-janta é servida. Após, as crianças que voltam para casa de transporte são entregues aos transportadores e as que voltam para casa com seus pais ficam aguardando juntas em uma sala específica sob os cuidados das monitoras.

A rotina do SEI me ensinou a ter um olhar para além de ensinar conteúdos, mas também do nosso papel de ensinar valores. Por vezes, fui colo, fui acalanto, mas também fui correção e autoridade. Aprendi muito com cada criança que passou por meus cuidados. Aprendi que não existe criança sem jeito, que o olho no olho é um remédio infalível. Que a confiança gerada pelo professor e seu aluno é o fundamento da boa relação em todos os momentos, até aqueles bem estressantes. Aprendi que o abraço consola, conforta e une corações. Aprendi que birra se vence com ouvido atento e compreensão muito mais do que com grito e furor.

Mas há uma lição que ficou bem mais forte em meu coração no tempo em que trabalhei no SEI desta escola, a qual foi a porta de entrada para minha carreira na Educação: minha identidade. Enquanto eu trabalhava na função de monitora, eu não me via como uma professora e, muitas vezes, até meio que me envergonhava quando alguém perguntava: “Está trabalhando na Educação?”, eu respondia feliz “Sim!”; mas quando alguém perguntava “Ensina qual turma?”, eu diminuía o volume da voz, meio sem jeito, e dizia: “Ainda não estou em sala de aula, apenas cuido das crianças que passam o dia na escola.”. Via-me como cuidadora, como babá, mas não como professora.

Atualmente, sou professora em sala de aula e quando analiso o percurso que vivenciei, agradeço muito por ter começado no SEI. E percebo que, sim, sempre fui professora porque planejava a rotina, organizava atividades, ensinava conteúdos disciplinares e outros saberes de convívio social. Ensinei a se portarem na mesa, a comer de talher, a falar respeitosamente, a escrever melhor, a amar ao próximo. Para falar a verdade, quando olho para tudo isso, percebo que era uma profissional completa, pois conseguia amar meus alunos e percebê-los como um ser completo, holístico em seu desenvolvimento humano.

Tal percepção e aprendizado me ajudaram a levar à sala de aula um coração aberto para conduzir meus alunos com respeito, empatia e sensibilidade. A não encará-los como um recipiente para guardar conteúdos ou mesmo um número azul em um boletim. Transformou-me, ainda mais, em uma profissional humana que ama o que faz e que tem certeza que é possível ensinar com altruísmo.

Iniciei meu trabalho no início da segunda quinzena de janeiro de 2018, então, as crianças ainda estavam de férias. Percebi que o SEI inicia suas atividades antes do que os

outros da escola e termina mais tarde também. É uma espécie de fase de adaptação e colônia de férias. Então, basicamente, apresentamos a escola, as regras de convivência, a rotina e os deixamos livres para brincar em alguns momentos. Em outros, fazemos atividades lúdicas, cineminha, entre outros momentos de convivência.

Quando as aulas regulares iniciaram, eu tive outra experiência: pela manhã, eu auxiliava as salas dos Infantis e no final da manhã é que eu começava a ficar com os meninos do SEI. Sim, meninos. Para uma melhor organização do espaço e da rotina, foram separadas quatro salas divididas por sexo (masculino e feminino) e por faixa etária (Infantil e Fundamental). Fiquei responsável, portanto, por auxiliar a sala dos meninos do Fundamental que admite crianças do 1º ao 4º ano.

Nos primeiros dias, foi bem assustador porque eu nunca tinha ficado com crianças de Infantil, inclusive no momento de adaptação delas na escola. Tanto choro, tanto cuidado, pais aflitos por deixar seu bebê tão precioso em outras mãos, crianças tão pequenas tendo contato com outro ambiente, outros adultos e outras crianças. Aproveitei cada minuto para colocar os conhecimentos aprendidos na universidade e já pensava em como o afeto era tão importante para que as crianças pudessem confiar em nosso abraço, em nosso colo, em nossas práticas.

Já de tarde, era outra realidade, deixava as crianças de dois anos para receber os meninos de seis a nove anos. Desde o primeiro dia, eu me comprometi comigo mesma em ser uma espécie de porto seguro para eles, uma pessoa que eles podiam contar para conversar, chorar, brincar, aprender, sentir-se em casa. Eu precisava ser algo diferente para eles, eu sentia que esta era minha missão enquanto pedagoga: demonstrar o real sentido do cuidar e educar, indissociáveis para a prática, culminando no afeto.

Diante desses aprendizados e dessas reflexões internas que eu desenvolvia diariamente em meu trabalho, outra indagação surgia em minha mente: Quem eu era na educação? Cuidadora? Auxiliar? Professora? Minha rotina da manhã era cuidar de crianças de dois e três anos, era acalantar, trocar fralda, auxiliar a professora da sala. À tarde, minha rotina era banhar as crianças, trocar as roupas, organizar os pertences, ensinar as atividades de casa, levar ao local das refeições, levar aos esportes.

Então, em nenhuma das rotinas, eu me via como uma professora de fato. Quando as pessoas perguntavam qual série eu ensinava, sentia uma vergonha estranha de dizer que eu ainda não ensinava, na verdade, era apenas ficava com as crianças do Ensino Integral.

E foi essa questão, isto é: ‘que tipo de profissional realmente sou?’, que me fez refletir ainda mais sobre qual é o meu papel e a minha visão sobre ser pedagoga e suas

atribuições nos campos que podemos atuar. Será que somos professores apenas se estivermos em sala de aula? Será que educamos apenas quando temos um plano de aula, aplicamos prova e vemos os resultados de nosso trabalho em um boletim? Ou, de fato, o processo educacional é bem mais profundo? Todas as experiências que estou vivenciando têm me proporcionado algumas respostas e outras indagações, as quais eu gostaria de compartilhar a fim de contribuir com a descoberta da identidade de outros profissionais da Educação.

### 3 A AFETIVIDADE E A APRENDIZAGEM

A busca pelo conhecimento está atrelada ao ser humano desde os primórdios da vida no planeta. O Homem buscava aprender novas técnicas para melhorar sua sobrevivência mesmo que, a priori, de forma instintiva. Outra característica desse ser é que ele é social e repleto de emoções. Em cada ação realizada há uma intencionalidade e uma força interior que o impulsiona.

Acreditando nessa premissa, este capítulo trará informações sobre o ser humano holístico, o qual deve ser desenvolvido integralmente levando em consideração suas ações psíquicas, motoras, emocionais, sentimentais e espirituais e que o ato de aprender está diretamente relacionado com esse Homem completo. Na primeira seção, veremos o ser humano como um ser holístico que deve ser considerado em todas as suas dimensões, a partir das contribuições de Weil, D'Ambrosio e Crema (1993).

Na segunda seção, comentarei que, durante o processo educacional, o emocional das crianças não pode ser desprezado, pois é impossível que uma pessoa vá à escola com o objetivo de aprender apenas os conteúdos ministrados pelos professores e não leve em consideração as outras áreas de sua vida. Utilizarei, nesta seção, o aporte teórico produzido por Saltini (1997), Goleman (2012) e Piaget (1999).

Na terceira seção, discorrerei sobre algumas competências socioemocionais da BNCC e a importância delas para a Educação.

#### 3.1 O ser humano e o desenvolvimento holístico

Conforme Nascimento e Soares (2014), o termo 'holístico' é uma variação da palavra holismo, que vem do grego *holos* e significa todo ou inteiro.

De acordo com os pesquisadores da temática, foi o filósofo sul-africano Ian Christian Smutso, pioneiro no seu uso apresentando-a como uma compreensão do universo constituído de seu processo evolutivo, tecido a partir dos conjuntos dos seres e coisas que dele fazem parte de maneira interligada (WEIL, 1991). (NASCIMENTO; SOARES, 2014, p. 03).

O holismo é um pensamento filosófico que visa a transformar como as pessoas atuam na sociedade, de forma a propagarem a paz, o amor, a empatia, o respeito e o relacionamento com a natureza. Na Educação, no entanto, observaremos pela ótica do ser aprendiz, isto é, o desenvolvimento total do ser humano na instituição escolar, visualizando á

necessidade de perceber a criança como um todo e não compartimentada, em sua forma de aprender.

Também é válido ressaltar que a visão holística na Educação possibilita a autovalorização e a consciência do papel do indivíduo na sociedade, pontos também pautados na Base Nacional Comum Curricular, cujo entrelaçamento com tal temática será abordada neste trabalho.

O sistema padrão tradicional de ensino no Brasil é bastante conhecido por estudiosos e usuários como modelo cartesiano ou como Educação Bancária, como defendeu Paulo Freire.

Já agora ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo. Mediatizados pelos objetos cognoscíveis que, na prática “bancária”, são possuídos pelo educador que os descreve ou os deposita nos educandos passivos. (FREIRE, 1987, p. 79).

Diante desses pensamentos e comportamentos, a Educação Brasileira perpassa por um momento de frieza espiritual, mas não no sentido religioso, mas no de calor humano, de empatia.

Dessa forma, é notório que há um grande problema em nossa Educação, visto que é compartimentada e tem como primeiro plano o conteúdo e não o estudante. Somado aos acontecimentos históricos e processos de formação da sociedade, essa forma com que a educação em nosso país é conduzida, já é defasada e não produz resultados satisfatórios na perspectiva do real aprendizado conforme apontam pesquisas realizadas.

Goldemberg (1993, p. 70) afirma que

Apesar do muito já conseguido, as deficiências do sistema educacional brasileiro constituem certamente um entrave para a modernização da sociedade e precisamos reconhecer que: a qualidade do ensino, tanto público como privado e em todos os níveis é, na maioria dos estabelecimentos, muito deficiente; apesar da quase universalização do acesso à escola que se logrou atingir, uma porcentagem demasiado pequena dos alunos consegue completar os oito anos de ensino básico obrigatório; o ensino de nível médio não consegue preparar adequadamente os estudantes para a universidade, nem para o ingresso no mundo do trabalho; a formação oferecida nas universidades não promove a qualificação que seria necessária; e a pesquisa é, no mais das vezes, incipiente ou inexistente.

Portanto, é importante pensar em estratégias para que o ensino brasileiro assuma outro viés, o do significado. Muitas pessoas não se motivam a estudar por não acreditarem que precisarão da escolarização em seu cotidiano ao longo dos anos, principalmente aquelas que precisam trabalhar desde cedo para contribuir nas finanças domésticas.

O real e significativo aprendizado seria aquele voltado às práticas diárias da pessoa, isto é, o que atribui o contexto em que se pode utilizar o conhecimento abordado em sala de aula.

É muito perceptível nas rotinas do professor que o foco da escola e da família é gerar números, de preferência acima da média direcionada pela escola. Os estudantes, de uma maneira geral, foram reduzidos a notas, já não bastasse ter uma Educação reduzida a disciplinas e conteúdos fragmentados.

A realidade é bem mais desgastante quando percebemos que por mais que o profissional da educação gaste tempo e esforço em oferecer um ensino consistente, o peso da cobrança escolar e familiar pelo ‘primeiro lugar’ e pelo nome estampado no *outdoor* é bem mais forte. Essa compreensão nos ajuda a ver com clareza a necessidade cada vez mais intensa de perceber a criança, o estudante, como um ser que precisa de atenção em todas as áreas de sua vida. Por isso, o pensamento holístico é tão fundamental para o aprendizado.

Conhecemos uma Educação que compartimenta tanto o ensino que parece visualizar o cérebro humano de forma dividida e trabalhar o desenvolvimento apenas de áreas escolhidas.

Quanto ao paradigma holístico em comparação ao paradigma padrão de Educação, Weil, D’Ambrosio e Crema (1993, p. 47) afirmam:

Convém lembrar aqui a existência de dois hemisférios cerebrais, cada um com funções diferentes: no cérebro direito predominam a intuição, a criatividade, a sinergia, a síntese, a visão global: o cérebro esquerdo é mais racional, analítico, conceitual e por isso mesmo dualista. O antigo paradigma está evidentemente ligado a esse último hemisfério, enquanto o novo paradigma leva em conta os dois hemisférios, com apoio no corpo caloso, responsável pela sinergia entre eles.

Encarando a Educação com uma perspectiva holística, passamos, enquanto educadores, a não apenas planejar de forma eficiente para encaixar as horas semanais, os conteúdos e as atividades para utilizar o máximo possível do material didático; a preocupação, nessa perspectiva, é de se auto-analisar em seus gestos, em seu olhar, em suas ações, em sua forma de falar com o aluno.

É diante de uma compreensão de que a criança é um sujeito histórico e de valores, que o professor precisará sair da zona de conforto e deixar de tratar a criança como um depósito de conteúdos e que, à medida que se dá e/ou ministra os assuntos da grade curricular, ele fica livre do fardo de suas obrigações.



As vertentes do holismo – seja a de desenvolvimento total do ser humano enquanto ativo em seu processo educativo, o qual deve ter sentido para uso em seu cotidiano, seja a de uma educação escolar que visa ao fim do ensino fragmentado objetivado pela ascensão de notas e de premiações, e o apoio do ensino global de forma interdisciplinar e integralizada para que o aprendiz perceba o histórico, a evolução e o uso prático das atribuições aprendidas – são de suma importância para o olhar sensível na construção de leitura deste trabalho.

### **3.2 O amor rege a Educação**

Quando era estudante, sempre apreciei os professores que paravam um pouco para me ouvir, para atentar ao motivo pelo qual faltei ou pelo qual não fui bem em alguma avaliação. Esses gestos de afeto e proteção não aproximam o estudante apenas do professor, mas também do aprendizado, visto que se sente parte integrante do grupo escolar, não apenas como um número na chamada, mas como um ser importante.

Da mesma forma que, quando professores que não se importam sequer com a necessidade de uma criança ir ao banheiro ou de receber um abraço, afasta-o do apego não só pela figura desse profissional, mas também da disciplina que leciona. As atitudes do(a) professor(a), sejam agradáveis ou desagradáveis, ficam registradas na memória não só durante o ano letivo em que aconteceu, mas por toda a vida do aprendiz. Interessante relatar que, enquanto escrevo este parágrafo, lembro-me de muitos acontecimentos que me marcaram profundamente, dentre eles o que citarei a seguir.

Eu sempre gostei muito de escrever. Língua Portuguesa é, desde quando era bem pequena, minha disciplina preferida. No entanto, meu processo de formação escolar não foi bem aproveitado. Eu não tinha livros para ler além dos de cada disciplina e minha escola não pedia livros paradidáticos em sua lista de materiais, então a literatura só chegou em minha vida quando fui para o Ensino Médio em outra instituição.

Sentia que em meu processo educacional faltava algo, mas não sabia que era a leitura que, com certeza, me ajudaria na escrita. Enfim, apesar disso, meu gosto pela Língua Portuguesa sempre fez parte de mim. Lembro-me de pegar meu livro de Português durante as férias e fazer cópias escritas a mão de todos os textos do livro. Eu amava caprichar na letra e ver o quanto eu tinha escrito no final.

Certo dia, ainda no Ensino Fundamental, na 5ª série, que hoje é o 6º ano, a professora de Língua Portuguesa sugeriu como atividade de casa a elaboração de uma redação

com o tema sobre escolas de Fortaleza. Eu não lembro muito bem se tínhamos de falar sobre alguma escola especificamente, mas fiquei tão feliz em poder escrever algo que, quando cheguei em casa, foi a primeira atividade que quis fazer.

Esse foi meu primeiro contato com redação, eu não tinha noção alguma de como proceder, de como pesquisar, de como organizar um texto e ainda assim fiz uma lauda. Toda contente mostrei para meu pai que gostou muito e, no outro dia, estava muito empolgada em entregar para a professora e ver a correção. Ela recebeu as atividades e prometeu compartilhar quais seriam os melhores textos e eu estava ansiosa para saber se o meu estaria entre eles.

Na aula seguinte, o grande dia esperado por mim, ela citou sim meu texto para toda classe ouvir, só que eu não imaginava que seria em meio a risadas e em tom de ironia como o pior texto escrito dentre os que ela recebeu. Ainda hoje pergunto o porquê de ela não ter me chamado e me ensinado o tema correto e pedido para eu refazer. Preferiu, no entanto, me ridicularizar para todos da classe.

Nesse contexto, é de suma importância que o profissional da Educação saiba lidar com as dificuldades da criança e a instrua para que ela desenvolva seu potencial. Há inúmeras condições que uma criança vivencia: falta de material, de conhecimento, de apoio familiar, de recurso financeiro e psicológico; e tudo isso reflete em seu rendimento escolar. Então, o(a) professor(a) precisa ter um olhar sensível diante de cada situação.

Uma nota baixa, um texto sem qualidade não é necessariamente uma demonstração de preguiça ou desinteresse da criança, mas, muitas vezes, um acompanhamento pobre e superficial. E é aí que está o princípio da educação, do guiar o aluno de um lugar de pouco conhecimento para um lugar de conhecimento estendido. Saltini (1997, p. 12) nos revela que “[...] educar seria levar um ser humano do estado primitivo à forma atualizada de civilização e cultura”.

Ridicularizar o erro da criança não é educar holisticamente. Aliás, o erro é outro conceito estudado em nossa atualidade como um componente importante na avaliação tanto do aluno como do professor, visto que aquele manifesta o trabalho deste.

Silveira e Nunes (2011, p. 91) declaram que

Piaget considera essencial que o professor esteja ciente não apenas dos conteúdos que ensina, mas também das características do desenvolvimento da inteligência; (...) os erros, as hipóteses que a criança cria em relação a uma dada situação-problema possuem valor formador. Por conseguinte, fazem parte de um percurso construtivo pelo qual ela passa, até que determinados conteúdos sejam compreendidos de forma mais ampla, mais abstrata.

Os erros são inevitáveis durante o processo de aprendizado e precisam ser considerados pelo professor como uma oportunidade de melhor ensinar ou de analisar se o aluno assimilou aquele assunto ministrado. São, portanto, importantes ferramentas de observação e aperfeiçoamento do aprender, jamais atalhos para o deboche.

No ano seguinte, outro professor assumiu a Língua Portuguesa e foi, para mim, a real mudança da água para o vinho. Tratava-me super bem, preocupava-se comigo, lembro que até desabafos ele ouviu, respeitava meu tempo, percebia quando eu estava triste e logo perguntava se eu estava bem.

Quando ele começou a lançar as propostas de redação, eu gelei. Ficava com tanto medo de escrever e sair um péssimo texto novamente. Mas ele foi uma cura para meu coração, pois lembro que ele leu meu texto para a sala, mas com tamanho amor e apresentando como um dos melhores.

Incrível perceber a diferença entre os dois professores: um teve um peso tão grande de me colocar para baixo pelo fato de não saber zelar pelo emocional, só pela correção em si, e, além de ter me magoado muito, afastou-me da disciplina que mais gosto. Lembro-me de pedir para ir ao banheiro só para chorar e eu tinha apenas onze anos de idade. O outro me ajudou a ser alguém melhor, a usar meu potencial criativo, além de me reaproximar da minha paixão. Apesar disso, a marca que a primeira professora deixou em mim foi bem maior.

Eu gosto de escrever, mas eu sinto um medo tão grande de minhas palavras causarem aquela reação dela nos meus leitores, que tenho me privado por anos do prazer de criar conteúdos. A cada linha escrita eu vejo a cena, eu ouço as gargalhadas e lembro do olhar de reprovação.

A produção desse trabalho foi um grande desafio para mim e acho importante falar sobre isso em uma produção acadêmica porque é muito provável que temos muitos talentos enterrados em nosso corpo discente por falta de um apoio, de um incentivo, de um olhar sensível para as feridas que as pessoas carregam de professores que sufocaram seres brilhantes.

Um fato bem semelhante eu passei enquanto estudante de Pedagogia. Quando comecei o curso, já trabalhava conforme expressei em meu relato de vida. E tudo o que meu pai propunha fazer eu aceitava realizar com ele. Houve um ano que ele decidiu abrir um restaurante e eu me vi gerenciando aquele lugar, mesmo sem experiência alguma na área.

Eu saía muito tarde, muitas vezes de madrugada do trabalho, e tinha aula pela manhã em algumas disciplinas e outras ao sábado. De fato foi um semestre bem conturbado

para mim, pois as leituras eram feitas muito superficialmente e influenciou em meu rendimento em algumas disciplinas.

Mas o que me marcou é que algumas professoras viam meu cansaço, sabiam da minha rotina, mas sequer perguntavam se eu precisava de ajuda, se poderiam me acolher de alguma forma, pelo contrário, foi mais viável a reprovação. Refiz a disciplina com outra professora tão amável e acolhedora que, mesmo cansada, eu fazia questão de estar presente.

Ela envolvia-nos de uma forma tão singela que ler os textos propostos era questão de aprendizado e amor. Outra disciplina muito importante em minha vida que, com certeza, me salvou em meus estudos foi Educação Matemática na Educação Infantil. Essa disciplina só tinha dois estudantes matriculados, eu e outra pessoa, mas foi a mais libertadora para mim, pois pude estar conversando com meu professor, ouvindo suas explicações e ele me deu o lugar de fala que outrora foi me tirado. Ele me devolveu a expressão, o amor pela escrita, a percepção do ambiente e arte de sentir e de analisar a mim mesma. Sou extremamente grata.

Por isso, o emocional é tão importante na construção da vida escolar e acadêmica de alguém. Não quero parecer que estou falando que o professor bom é aquele que fica elogiando o tempo todo ou que só afaga o ego do aprendiz, mas quero destacar que cada ação que o aluno vivencia nesse processo educacional fará parte de toda sua vida e refletirá em todas suas produções e posturas diante de situações da vida.

Conforme Houaiss e Vilar (2009, p. 60), afetividade é o: “[...] conjunto de fenômenos psíquicos que são experimentados e vivenciados na forma de emoções e de sentimentos.”. Na perspectiva de estudiosos, principalmente de Wallon, a afetividade refere-se à capacidade do ser humano de ser afetado, positiva ou negativamente, tanto por acontecimentos internos como externos.

A afetividade em si não tem relação apenas com boas experiências, mas na compreensão de que todas as experiências vividas possuem vínculo com as emoções e com os sentimentos do ser humano, estando, portanto, ligadas às dimensões corporal e social. Isso significa que quando falamos em afeto, no âmbito relacional deste trabalho, falamos em acolher as experiências do outro, de forma que o ajude a compreender suas emoções. Na relação estudante e professor, não podemos vislumbrar um estudante perfeito que sempre está feliz, pleno e obediente, precisamos nos preparar para receber um ser humano real. Esse é uma implicação da afetividade na Educação.

No estudo da Pedagogia, alguns teóricos são bastante conhecidos por suas pesquisas sobre o desenvolvimento infantil e o progresso de aprendizado. Dentre eles, temos Jean Piaget (1896-1980) e Lev Vygotsky (1896-1934) que fundamentaram teorias da

aprendizagem e a relevância da afetividade nesse processo. Foi Henri Wallon (1879-1962) quem se aprofundou no estudo sobre a importância da afetividade para o desenvolvimento integral do indivíduo, tornando-se referência nesse assunto.

Para Piaget, a afetividade é o agente motivador do aprendiz e é indissociável da inteligência, sendo que os dois trabalham juntos na prática de uma ação. Nesse sentido, La Taille (1992, p. 65) declara:

[...] quando se trata de analisar o domínio dos afetos, nada parece haver de muito misterioso: a afetividade é comumente interpretada como uma “energia”, portanto como algo que impulsiona as ações. [...] o desenvolvimento da inteligência permite, sem dúvida, que a motivação possa ser despertada por um número cada vez maior de objetos ou situações. Todavia, ao longo desse desenvolvimento, o princípio básico permanece o mesmo: a afetividade é a mola propulsora das ações [...].

Apesar de não ter se aprofundado tanto nessa temática, Vygotsky também pontuou a relação da afetividade com a inteligência. Ele acreditava que o desenvolvimento cognitivo acontece durante toda a vida. O adulto e a criança podem aprender, sendo esse processo vinculado ao meio social e cultural, isto é, na interação com outros sujeitos. Vygotsky também defendia a não dissociação do cognitivo e do afetivo na construção da inteligência do indivíduo, bem como que a afetividade (relação social) é ponto motivador para o desenvolvimento da inteligência.

No entendimento de Wallon, ao nascer, o ser humano tem a afetividade como ponto precursor da inteligência, visto que caminham juntas. De acordo com o crescimento, os dois caminhos parecem se distanciar um pouco, mas a afetividade continua repercutindo no desenvolvimento cognitivo da pessoa. Dantas (1992, p. 90) escreve: “O ser humano foi, logo que saiu da vida puramente orgânica, um ser afetivo. Da afetividade diferenciou-se, lentamente a vida racional. Portanto no início da vida, afetividade e inteligência estão sincreticamente misturadas, com o predomínio da primeira.”.

Portanto, a afetividade e a inteligência fazem parte da formação do ser humano desde seu nascimento e são inseparáveis, visto que somos seres holísticos, compostos por várias áreas e que, para pensarmos, sermos motivados a querer desenvolver nossas habilidades e nosso relacionamento com os outros e com o meio, precisamos evidenciar nosso lado afetivo que é o reconhecimento de emoções e sentimentos vinculados aos acontecimentos da vida.

Professores podem tirar e dar a vida. Alguns professores deixaram um vazio tão grande em mim que não lembro tanto de seus ensinamentos, mas das lacunas emocionais que levo. Outros me fizeram renascer em meio às cinzas da desesperança. Quando um professor

não educa, ele não apenas deixa uma falha no aprendizado, ele afasta o ser de encontrar sua real essência. Casassus (2009, p. 23) afirma

As emoções representam o campo vital para cada um. O que sentimos sobre nós mesmos determina em grande medida quem somos. Por isso, podemos dizer que é nas emoções que se encontra a fonte mais íntima da nossa identidade, para além das determinações, dos julgamentos das outras pessoas ou da nossa cultura.

O ensino brasileiro, ao longo dos anos, desenvolveu uma identidade baseada em disciplinas e conteúdos segregados que, muitas vezes, são de difícil compreensão para as crianças. Estou professora de Língua Portuguesa no 4º ano do Ensino Fundamental e, em algumas aulas, utilizo o livro de Português e, em outras, utilizo a Gramática.

É muito comum, no início de minhas aulas, alguém perguntar: “Professora, hoje é Português ou Gramática?”. Eu tento explicar que o que ensino, independente da aula, faz parte da Língua Portuguesa, apesar de algumas aulas serem práticas e outras serem mais ensino das regras. Mas, ainda assim, em toda aula, quando vou iniciar, a pergunta surge. As crianças acabam criando gavetinhas que compartimentam o ensino de forma que, quando envolvemos a interdisciplinaridade, é como uma grande luz que acende no caminho delas.

Outro ponto importante é a saúde emocional do profissional de Educação. Sabemos que, em nossa desigual sociedade, existem realidades distintas para cada escola. A pública conta com inúmeras dificuldades financeiras e com a necessidade de garantir bons resultados publicados para conseguir investimentos mais recheados. A particular possui renda proveniente das mensalidades, mas precisam apresentar às famílias (clientes) resultados brilhantes para garantir a matrícula no próximo ano.

Então, avaliando as situações, percebemos que a palavra resultado é o que mais alia as condições de ensino. Claro que é importante apresentar resultados para percebermos o avanço da criança, mas a preocupação é quando esse se torna o centro da Educação e não a criança e seu bem-estar.

Quando o resultado é mais importante, nós criamos crianças inseguras e dependentes de serem aceitas por seus resultados e não por quem são. Esse tipo de pensamento tem gerado alto estresse no professor, para que produza incessantemente materiais e didáticas inovadoras para que haja alunos brilhantes em sua turma, e nos alunos, pois as notas que alcançam são consideradas, muitas vezes, a revelação de sua própria identidade.

Saltini (1997, p. 20) declara que

A escola deveria também saber que, em função dessas articulações, a relação que o aluno estabelece com o professor é fundamental enquanto elemento energizante do conhecimento. As famosas estratégias educacionais nada mais são do que a criação de relações adequadas, afetivas, carinhosas, aptas a fazer com que a criança trabalhe seu narcisismo secundário, restabelecendo sua beleza, diante de si e do mundo, na medida em que aprende.

Toda essa corrida deixou a relação de alunos e professores superficial. No convívio da sala de aula, as crianças precisam ter um ambiente seguro e de confiança interpessoal. Elas não possuem a figura dos pais para configurar a proteção, então, acabam projetando no adulto mais próximo.

Mas quando esse adulto transforma esse ambiente seguro em um lugar de medo e barulho, muitos elos são quebrados e, dentre eles, o do aprender. Ademais, existem aqueles profissionais que exercem seu trabalho por falta de opção ou porque precisam muito do dinheiro e preciso falar em primeira pessoa para expressar que não consigo imaginar trabalhar com crianças sem ter amor.

O amor pelas pessoas é o que move a educação. Tendo em vista que educar é “[...] levar um ser humano do estado primitivo à forma atualizada de civilização e cultura”, como explicita Saltini (1997, p. 12), é uma grande responsabilidade assumir o papel de educador.

Pessoas passam por nossas vidas e elas levam um pouco de nós e deixam um pouco de si e, enquanto educadora, preocupo-me bastante em que parte de mim estou deixando em meus alunos. Não quero desenhar uma professora perfeita que nunca se irrita ou se estressa no meio de uma rotina escolar, mas sim alguém que, apesar dos defeitos, ama o que faz.

Já observei algumas professoras, inclusive de Educação Infantil, que tratam suas crianças de forma tão ríspida e medonha que concordo com Silva Júnior (2017, p. 24): “Não consigo compreender os profissionais que assumem um grupo de crianças cheias de vida e possibilidades e negligenciam a formação humana destes seres por aquisição financeira.”. A meu ver, não dá para falar de Educação sem sentir o coração pulsar no peito e saber que está no lugar certo, fazendo o melhor possível apesar das intempéries do caminho.

A Bíblia Sagrada, um dos livros mais lidos do mundo, registra em uma carta do apóstolo Paulo, primeira de Coríntios, no capítulo treze, situações extremas que um ser humano pode se colocar para demonstrar uma boa ação, mas que sem amor não haveria sentido.

Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, se não tivesse amor, seria como o metal que soa, ou como o sino que tine. Ainda que eu tivesse o dom de profecia e conhecesse todos os mistérios e todo o

conhecimento, e ainda que tivesse toda a fé, de maneira tal que transportasse os montes, se não tivesse amor, nada seria. E ainda que distribuísse toda a minha fortuna para sustento dos pobres, e que entregasse o meu corpo para ser queimado, se não tivesse amor, nada disso me aproveitaria. (BÍBLIA THOMPSON, 1 Coríntios 13, 1-3).

Portanto, apesar de ser encarado, muitas vezes, como um discurso utópico ou romântico para um assunto que é levado com desesperança por grande parte dos profissionais, o amor deve ser a chama que arde nos corações dos professores e de todos que compõem o corpo escolar e educacional, visto que Educação não existe apenas nas instituições escolares.

Não podemos permitir que a falta de fé nas pessoas nos impeça de acreditar que podemos ensinar a uma nova geração a cada ano que passa; que apesar de toda maldade espalhada no mundo, nós temos a chance de florescer alguém. Essa é nossa responsabilidade e, se perdemos esse elo amoroso, toda a estrutura perde o significado e como prova disso temos as evasões, as desistências, as inversões de prioridade.

Na Educação Infantil, há uma relação muito íntima de contato, de carinho e de troca de afeto entre o bebê ou a criança pequena e o(a) professor(a). Levando em consideração uma criança em desenvolvimento normal, isto é, sem especialidades cognitivas, é esperado que, ao longo do seu crescimento, compreenda alguns conceitos existentes em sua realidade e que a socialização seja desenvolvida. Além disso, o aprendizado das letras, dos algarismos e da escrita de seu nome são conhecimentos necessários para que cheguem ao início do ciclo da alfabetização bem preparados.

Quando chegam nos anos iniciais do Ensino Fundamental, as crianças se deparam com outra realidade: cadeiras enfileiradas, lousa cheia de anotações, tempo reduzido por disciplina, mochilas pesadas com livros e responsabilidades que parecem grandes demais para tão pouca idade.

Essa é a realidade da maior parte das crianças que estuda no Brasil, principalmente em escolas particulares e de classe média a alta. Existe, por um lado, a preocupação de que a criança internalize em sua mente todo o conhecimento possível em todas as áreas trabalhadas e, por outro, o empenho da escola em apoiar seu nome em resultados brilhantes para vender seu serviço, seja para os pais (clientes), seja para o órgão governamental competente (gestor público).

Então, são muitos os estímulos para moldar a criança em parâmetros aceitáveis na sociedade para demonstrar seus certificados e diplomas que “comprovam” que o ensino funciona. Tanta correria e tantas atividades reduzem a infância a metas e aprendizados que devem ser adquiridos no tempo correto.



A grande preocupação nesse processo educacional é a visão que se tem da criança. É difícil pararmos para ouvi-las, reprovamos suas brincadeiras e a vontade de se divertir por achar perda de tempo ou improdutividade. A infância é, literalmente, roubada quando não há equilíbrio.

No contexto de sala de aula, a figura do(a) professor(a) é de uma pessoa que vai ensinar algo, mas, ao mesmo tempo, é alguém que cuida, dá carinho, dá amparo e protege. Ou deveria ser. O(a) professor(a) tem recebido, ao longo dos anos, muitas responsabilidades e, dentre elas, a de ensinar coisas triviais de convivência, pois, a família, muitas vezes, não tem suprido esse papel.

Exemplifico esse contexto com situações de aconselhamentos, de amparo emocional, de ensinar valores sociais que deveriam partir da família. A escola já é sobrecarregada de obrigações de ensino que abrangem várias áreas: sociedade, meio ambiente, cuidados com o corpo, alimentação, moral e ética.

Tais conhecimentos foram inseridos ao longo dos anos, aumentando a responsabilidade da escola em meio a uma Educação mais global. Então, é importante que a família não deixe de participar do processo educacional da criança e não transfira para a escola e para os profissionais de Educação o papel que lhe cabe.

Padua (2010, p. 13) comenta algo importante sobre esse tema

Como se não bastasse, a escola ainda tem de dar conta de uma infinidade de aspectos que ultrapassam o domínio cognitivo conteudista, pois, para além deste ensino, deve cuidar do equilíbrio psicológico e afetivo dos alunos, da interação social, de temas transversais que devem estar incluídos no Plano de Curso porque são necessários ao momento atual, tais como: a educação sexual, ecologia, ética, meio ambiente, prevenção ao uso de drogas.

Ainda assim, o professor precisa ter um posicionamento de empatia diante de seus alunos. Durante meu trabalho em sala de aula na graduação, comprometi-me que, enquanto educadora, me esforçaria para educar de forma leve e amigável. Em minha primeira experiência em sala de aula, percebi que a maioria das crianças é acostumada com um nível sonoro mais elevado e não respeita a presença do educador em sala, precisam receber, muitas vezes, um sinal sonoro específico para compreender a noção de ordem e de rotina. Mas tenho me esforçado todos os dias para ensinar algo novo para as crianças nesse sentido também.

No decorrer de minhas aulas, trato as crianças com cuidado emocional (incentivo diário com palavras de afeto e esperança) e percebo como é importante para elas. Enquanto falo, vejo olhos ávidos por entenderem a si mesmos, por ver dentro deles a força e a

capacidade que eu digo que vejo. Eles sabem que alguém acredita neles e isso vale muito à pena.

É importante ressaltar que o que faço não se trata de um afago no ego ou um mimo já que seus pais “pagam meu salário”, de modo algum. Eu velo por cada vida que está sendo influenciada por meus ensinamentos. Além disso, não apenas elogio seus feitos, como também corrijo, mas de uma forma que percebam outras possibilidades de fazerem corretamente e não apenas um erro que faça com que se sintam incapazes.

Acredito que este é nosso papel: iluminar o caminho, mostrar os passos errados, apontar possibilidades e observar para que os estudantes possam trilhar conforme suas escolhas, bem como estar disponível para ser um porto seguro.

No final de cada aula, alguns me dizem: “Não gostava dessa matéria, mas agora estou gostando muito”. Apesar de me sentir feliz com essas declarações, na verdade eu sei que a ligação de afeto não é apenas com a disciplina em questão, mas com o elo de amor e segurança que procuro construir com as crianças ao longo dos dias com ações simples: fala afetiva, escuta compreensível e disciplina conscientizadora, não repressiva.

Além das falas de afeto, umas das características que mais amo são as cartas que recebo ao longo dia. São expressões mais belas de amor e de carisma que a criança possui pelas pessoas que ama. Lembro-me de que, quando eu era criança, gostava muito de me expressar com cartas escritas e isso perdurou até a adolescência.

Fazia questão de demonstrar aos meus professores o quanto valorizava cada esforço que faziam para me ensinar algo e, hoje, quando recebo desenhos e escritas de “obrigada por se esforçar”, “desculpe por termos dado trabalho hoje”, “amo você”, reconheço que são verdadeiros tesouros. As palavras das crianças são carregadas de sinceridade e para mim é uma espécie de *feedback* sobre o que tenho representado para elas.

Minha preocupação em trazer amor e afeto à Educação, mesmo que muitos autores não considerem uma vocação ou um ato de prazer, mas uma ação estritamente profissional, o que não discordo completamente, fez-me procurar estudos que embasassem e trouxessem uma vertente teórica.

A Pedagogia Logosófica é baseada na Logosofia, vocábulo que reúne duas palavras gregas: “logos” que significa palavra criadora e “sofos” que significa sábio ou instruído. Portanto, os maiores objetivos dessa Pedagogia são a evolução consciente do Homem, o conhecimento de si mesmo, a edificação de uma nova vida, o conhecimento das leis universais, o desenvolvimento e o domínio profundo das funções de estudar, de aprender, de ensinar, de pensar e de realizar.

O estudioso que é autor dessa Ciência se chama Carlos Bernardo González Pecotche, argentino, pensador, escritor, educador e humanista, o qual possui várias obras que trazem conhecimentos sobre o ser humano aliado à sua espiritualidade transcendente, a qual o transforma em alguém pleno e em sua melhor versão. Pecotche acredita que há um caminho no aprendizado e na relação do professor com o aluno que é capaz de desenvolver as potencialidades essenciais e profundas do ser.

O processo de aprendizagem na Pedagogia Logosófica se baseia em um grande vínculo entre aquele que ensina e aquele que aprende, numa interação constante e consciente. O profissional que atua com essa linha de Pedagogia, a qual também pode ser chamada de Pedagogia do Afeto, precisa iniciar pelo seu interior, isto é, buscar o equilíbrio emocional, o autoconhecimento e aguçar sua sensibilidade, pois uma das premissas dessa Pedagogia é que para ajudar o outro, você precisa se conhecer e estar bem consigo.

De acordo com o idealizador da Pedagogia do Afeto, não é possível o professor querer alunos serenos se ele não está ou mesmo exigir determinado comportamento se o mestre não é um exemplo. Para que o(a) professor(a) queira ver melhorias ao seu redor, é necessário que ele seja o primeiro a iniciar a mudança, seja no cultivo dos bons valores, na demonstração da fé para com suas crianças, na plenitude do viver. Tendo em vista esses aspectos, um ponto importante para destacar é que essa Pedagogia considera a criança em sua configuração biopsicoespiritual, isto é: corpo, mente e espiritualidade, o que encontra os preceitos do holismo e respeita a integralidade do ser.

### **3.3 As competências socioemocionais na BNCC**

Os estudos quanto ao desenvolvimento dos aspectos sociais e emocionais do ser humano são realizados há muitos anos com os relatos de Jean Piaget, Vygotsky e Wallon, tão comentados no curso de Pedagogia principalmente, que apresentaram relações entre as interações sociais e o desenvolvimento intelectual de crianças e adolescentes.

No cenário da educação brasileira, a importância para a relação do sujeito com o mundo foi colocada em seus documentos relativamente cedo. De acordo com a linha do tempo disponibilizada pelo Ministério da Educação (MEC), desde a Constituição Federal de 1988, há uma busca por unificar os parâmetros de educação para todo o território brasileiro, salvo o respeito às culturas indígenas, quilombolas e comunidades tradicionais que existem no Brasil.

Alguns documentos foram formalizados para a Educação Infantil, Ensinos Fundamental e Médio de 1996 a 2015 com a publicação da primeira versão da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a qual foi promulgada em sua última versão em 2018 e tornou sua aplicação obrigatória a todas as escolas, sejam públicas ou privadas, em 2020. A BNCC tem como objetivo nivelar o ensino do Brasil de forma que todos os alunos aprendam os conteúdos envolvidos em competências. A ideia é que o foco não seja mais o conteúdo em si, mas sua aplicação no cotidiano, isto é, levar os alunos a compreenderem como poderão aplicar em sua vida, os conteúdos aprendidos em sala de aula. Então, a BNCC trouxe algumas competências para desenvolver os aprendizes em várias áreas socioemocionais.

Na década de 1990, o professor Jacques Delors, autor e organizador do relatório para a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI, indicou quatro pilares da Educação: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a ser e aprender a conviver. Nessa perspectiva, a BNCC trouxe parâmetros mais vivenciais para unir o desenvolvimento socioemocional e cognitivo por meio de uma educação plena que considere o ser humano em sua integralidade. Portanto, mais do que educar para realizar avaliações escritas, estamos caminhando para educar para a vida simplesmente, dando significado aos conteúdos. É um começo, mas há uma luz para que consigamos caminhar rumo à Educação significativa.

Sendo assim, as competências socioemocionais aplicadas à BNCC orientam as crianças, os adolescentes e os jovens a desenvolverem seu lado emocional e psicológico, junto ao cognitivo de forma a construir cidadãos responsáveis e capazes de exercer um papel ativo na sociedade, a fazerem suas próprias escolhas e serem autônomos. A BNCC enumera dez competências gerais, das quais listo tais aspectos: criatividade, pensamento crítico, empatia, colaboração, curiosidade, coragem, resiliência, ética, liderança e metacognição. Elas podem ser divididas em grupos de competências relacionadas ao conhecimento, às habilidades, às atitudes e ao caráter.

Tendo em vista que o objetivo deste trabalho é a relação interpessoal afetiva como base para a construção do conhecimento, irei discorrer, brevemente, sobre as competências ligadas a atitudes e ao caráter.

### ***3.3.1 Competência sete***

A BNCC apresenta a sétima competência nos seguintes termos: “[...] argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias,

pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta.” (BRASIL, 2017, p. 09). Aqui, há alguns pontos importantes, primeiro quanto à busca por informações verdadeiras e confiáveis para fundamentar o conhecimento. Segundo, a defesa de seus pontos de vista de forma respeitosa e que honrem as opiniões alheias e os direitos humanos comuns a todos os cidadãos brasileiros. O olhar empático deve ser aprimorado para que haja um diálogo sadio entre as pessoas. As discordâncias sempre vão existir, pois as pessoas costumam pensar de forma diferente e isso é até saudável, mas o respeito à opinião dos outros deve ser base de boa uma relação interpessoal.

Outro aspecto importante é sobre a consciência ambiental, de espaço e de cuidado consigo mesmo. Isso é extremamente relevante porque o olhar holístico parte do interior para o exterior, isto é, primeiro estamos bem com nós mesmo em uma relação de equilíbrio com o ambiente e com a natureza para depois entendermos como é que o outro se sinta bem da mesma forma. Conseguimos tratar o outro melhor e se importar com o ambiente que ele vai viver, quando percebemos como é bom para nossa vida. Esse olhar deve ser desenvolvido desde a infância para que quando cresça, consiga ampliar essa visão para toda a humanidade, gerando um ser humano conhecedor e cuidador de si mesmo e do ambiente em que vive. Até a educação ambiental ganha mais lógica quando compreender que a natureza é nosso equilíbrio.

### ***3.3.2 Competência oito***

A BNCC traz como oitava competência geral: “[..] conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.” (BRASIL, 2017, p. 10). Quando li essa competência, imaginei como seria uma realidade com pessoas conhecendo a si mesma, sem a dependência de aprovação de outros ou sem a súbita morte interior pela falta de amor ou por pronúncias de palavras de desmotivação.

Sempre acreditei em uma educação motivacional, que mostra a grandeza das pessoas, que revela o poder que cada um possui e a impulsiona a prosseguir. Conhecer a si mesmo e apreciar-se é algo que não é instruído na maioria das vivências. As crianças aprendem que o que fazem é mais importante do que o que são. O ser é abafado em detrimento do fazer. Então, quando crescemos, não temos tanto conhecimento sobre quem

somos, pois estamos ocupados demais em fazer e não paramos para pensar em nossos gostos, nossas preferências, nossas decisões corretas. Ao nos conhecer suficientemente, a insatisfação com nosso corpo, nossa família, nossa realidade, diminui, visto que há uma maturidade em se amar e não se comparar com as outras pessoas. Na escola, o *bullying* e suas consequências diminuiriam, pois o respeito a si e ao próximo estaria mais desenvolvido na personalidade dos indivíduos. Escrever tudo isso parece uma teia de utopias, mas se, enquanto agentes de pequenas mudanças, sempre pensarmos na impossibilidade de mudar um ciclo vicioso secular, não haveria esperança e isso seria o fim. A esperança é o que nos move a sempre caminhar.

Cuidar da saúde física e emocional é outro ponto forte. Em nossa sociedade é comum nos preocuparmos com a saúde quando estamos em momentos críticos. Mas deveríamos nutrir o cuidado constante preventivo e reparador, além de praticar a contemplação, a meditação, a autoanálise. Incentivar as crianças, desde bem pequenas, a terem esse momento consigo mesmas é de grande valia para seu bem-estar.

Outro aspecto é reconhecer que é diferente em uma sociedade de diferentes e reconhecer seu valor nisso. Ademais, perceber as emoções que temos, deixá-las fluir, respeitar nosso tempo e compreender que isso é normal em nossa vivência, que faz parte de nossa composição, é um conhecimento que as pessoas das gerações passadas ignoraram, mas que faz toda a diferença para desenvolver pessoas emocionalmente saudáveis e inteligentes.

Daniel Goleman acredita que “[...] ser inteligente coloca as emoções no centro das aptidões.” (GOLEMAN, 2012, p. 25). Para esse autor, a “[...] inteligência emocional determina nosso potencial para aprender os fundamentos do autodomínio e afins.” (GOLEMAN, 2012, p. 15), isto é, é a base para qualquer outro comportamento em sociedade. Em seu livro, o autor demonstra com exemplos e explicações científicas que quando compreendemos nossas próprias emoções e sabemos administrá-las, nossa inteligência evolui porque temos clareza quanto a nós mesmos e respeitamos os outros. A missão mais forte é atuar na educação emocional de forma que as pessoas parem de esconder suas emoções, antes, lidem com elas de forma madura. Isso é possível praticar desde a infância. A percepção quanto a esse assunto tem de mudar dos pais aos filhos.

### **3.3.3 Competência nove**

A BNCC descreve em sua nona competência: “[...] exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao

outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.” (BRASIL, 2017, p. 10). Além de compreender a si, convém que respeitemos o próximo com empatia e amor. Ensinar que a resolução de conflitos é mais válida por meio do diálogo, da persuasão, do respeito aos direitos comuns a todos, nos levará à diminuição da violência. O respeito à diversidade, seja qual for a esfera: de religião, de opção sexual, de cor de pele, de classe social, de qualquer natureza de preferências, deve ser conservado e cultivado.

Costumamos ouvir uma célebre frase, principalmente em comerciais de televisão, que criança não nasce preconceituosa e eu acredito nessa premissa. As crianças nascem com suas cargas genéticas e dispostas a aprender todo o conhecimento disponível no mundo em que vivemos. A capacidade de compreensão e assimilação dos bebês e das crianças pequenas é incrível. Estudos mais atuais estão revelando novas descobertas do desenvolvimento infantil que ampliam a percepção que devemos ter sobre o aprendizado.

As crianças aprendem muito com observação e imitação, se os adultos tiverem o posicionamento da mudança de atitude e de comportamento, poderemos preparar uma geração diferente e mais humana. Com menos ganância, sem preconceitos, mais respeito, mais amor ao próximo e conhecimento de si mesmo. Criança não nasce preconceituosa, aprende com o que vê na sociedade e é nosso papel ser referência para cada pequenino que nos cerca.

O professor com essa consciência holística e de afeto conseguirá ser uma referência positiva na construção do caráter de seus alunos. Não quero expressar que o único responsável pela moral da criança é o profissional da educação. Claro que entendemos os outros exemplos de conduta que terá durante seu crescimento e o mais forte é a família, mas como a discussão desta produção é a relação entre professor e aluno dentro do processo de ensino e de aprendizagem, trago tal profissional como exemplo para reflexão.

### ***3.3.4 Competência dez***

A competência dez da BNCC instrui-nos a “[...] agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.” (BRASIL, 2017, p. 10). Essa competência ensina o educador a desenvolver a habilidade de autonomia das crianças, de modo que elas tenham liberdade de ter as próprias opiniões, de agir dentro de seus limites em cada fase. Já parou para observar um bebê explorando o ambiente? É

riquíssimo perceber como ele conhece os lugares, percebe os perigos (dentro de suas limitações de conhecimento, claro), sente as texturas, os níveis do solo, etc.. Deixar que a criança sinta o mundo em que vive e que perceba sua capacidade de realizar as ações sem a interrupção constante de um adulto é autonomia, é possibilidade de crescimento.

No contexto da logosofia, quando desenvolvemos habilidades de autoconhecimento e equilíbrio com a natureza, conseguimos encontrar nosso interior e, assim, estar mais fortes para lidar com as dificuldades da vida. É entender que não há como fugir das adversidades da vida, como muitos pais querem fazer, mas que é possível vencê-las com persistência que é a resiliência. Ter fé em si e na vida para ultrapassar os acontecimentos ruins com inteligência emocional, isto é, gerenciando as emoções adequadamente. Não podemos colocar as crianças em bolhas para separá-las da realidade, antes, precisamos ensiná-las a ter um olhar positivo dos fatos para crescerem emocionalmente.

Outro aspecto importante é ensinar às crianças a tomarem decisões corretas. Percebo em minhas experiências em sala de aula, muitas crianças que não conseguem dar uma resposta sequer sobre assuntos simples, como os próprios sentimentos, sem que a mãe interrompa e fale pela criança. As capacidades de expressão e de comunicação são abafadas pela necessidade de dar uma “resposta certa”. Precisamos dar autonomia no poder de fala também.

Perceber a sociedade como um conjunto de pessoas com suas diversidades, com suas histórias e expressões é algo que precisamos desenvolver nas crianças. Quantas pessoas crescem com a síndrome “de rei na barriga”, egoístas que só pensam em si. Não desenvolvem senso de comunidade e isso fragiliza o emocional e gera os inúmeros problemas sociais que vivenciamos, tais como violência simbólica, física e psíquica. Os profissionais de educação, desde o Ensino Infantil, precisam estimular o princípio de comunidade, de valorização do próximo, de tomada de decisão pensando em todos, de solidariedade, de acolhimento, de ética, de inclusão. Mais do que conceito, estamos falando de prática, de vivência, de significado nas rotinas escolares.

As competências da BNCC têm como objetivo trabalhar a dimensão socioemocional vinculada ao desenvolvimento cognitivo dos aprendizes. Para aplicar ao currículo da escola, é importante que tenham intencionalidade pedagógica para não ser um processo sem consistência e tão fragmentado quanto o ensino tradicional. Na prática, precisamos rever nossa didática e elaborar um currículo cognitivo-sócio-emocional com uma aprendizagem vivencial, isto é, fazer com que compreendam quando e como podem utilizar os conteúdos intencionalmente ministrados em sala de aula no dia a dia.



Há, no entanto, algumas críticas quanto à proposta BNCC, a qual é percebida como uma maneira de limitar o ser humano a habilidades praticadas em um cenário que parece perfeito demais para ser real.

Ratier (2019) relata que é um erro falarmos de competências socioemocionais como habilidades que devemos desenvolver como se fosse uma programação automática, a qual, no seu entendimento, é apresentada na BNCC. Ele também ressalta que não podemos desconsiderar alguns pontos importantes como: 1. Os sentimentos considerados “ruins” como a raiva, a ira, o furor. Nesse caso, a postura adequada não seria reprimir tais sentimentos, mas, em diálogo, questionar as injustiças que permeiam o ser possuidor da raiva e propor ações para sua transformação. 2. O contexto de vida das pessoas que chegam até nós educadores. Temos de ter cuidado para não projetar determinado comportamento esperado sem considerar a história, o meio familiar, as condições financeiras, o meio onde vivem. Não podemos exigir um modo de ação e reação único das pessoas.

Na busca de aperfeiçoarmos a saúde emocional das crianças, não podemos excluir sentimentos que denominamos “ruins”, mas que, na verdade, fazem parte da afetividade primária daquela pessoa. As ações de raiva podem ser verbalizações de suas dores e precisamos estar atentos a isso para estarmos prontos para acolher, com entendimento, qualquer tipo de expressão, seja a que aprovamos, seja a que reprovamos. Sabemos que não é fácil, visto que temos nossas próprias concepções de padrões, associados aos comandos sociais, mas, muitas vezes, precisamos no despir disso para, simplesmente, entender o clamor do outro, até mesmo sem palavras.

## **4 QUEM AMOR PLANTA, AMOR COLHE**

Nas minhas experiências profissionais, enquanto auxiliar de Educação Infantil, monitora de Sistema de Ensino Integral e professora dos anos iniciais do Ensino Fundamental, dediquei-me para desenvolver um olhar de afeto e de holismo para cada criança em respeito ao que representa e ao que carrega, isto é, sua história e seus conhecimentos.

Neste capítulo, dissertarei sobre algumas situações vivenciadas, as quais estão organizadas em ordem cronológica, e as transformações que ocorreram nas crianças e em mim. No Apêndice A, constam algumas demonstrações de carinho que recebi delas.

### **4.1 Situações na Educação Infantil**

No começo de 2018, comecei a atuar como auxiliar da Educação Infantil. Fui lotada no Infantil IV. Estava na fase de conhecer os alunos e tinha um que chamarei de Amado. Ele não tinha diagnóstico documentado, mas havia algo de diferente em seu comportamento. Era bastante agressivo, não acompanhava a rotina com as outras crianças, não tinha o mesmo progresso na escrita, tampouco na leitura. Minha maior missão era ficar com ele para que a professora conseguisse ministrar a aula e para o mínimo possível de crianças se machucasse.

Os primeiros dias não foram fáceis, apanhei bastante. Mas fomos criando um vínculo e uma comunicação incrível. Eu falava olhando em seus olhos, acreditava em sua socialização, colocava perto de outras crianças, as quais já tinham desenvolvido medo do Amado. Ajudava-o a participar das rodinhas, mas quando ele não estava bem, permitia que ficasse mais afastado.

Além disso, me comunicava com ele conforme sua linguagem. Ele usava bastante a imaginação em seus discursos e demonstrava muita paixão por dinossauros, então, liberava os comandos da rotina de sala e atividades coletivas para que ele fosse realizando, mesclando o real com o imaginário e eu percebi que com isso ele se sentia mais protegido por ter alguém que compreendia sua forma de pensar.

Com o passar dos dias, consegui ver outra criança. Amado estava menos agressivo, me abraçava, não desobedecia como antes, interagia mais com a professora. Ele conseguia ouvir mais e não agir apenas por impulso. Como isso me alegrou! E consegui ver como o vínculo de afeto, empatia, sensibilidade e apoio pode transformar uma criança. Até sua escrita e sua vontade de realizar as atividades junto às outras crianças mudaram.

Saltini (1997, p. 15) afirma que “[...] as escolas deveriam entender mais de seres humanos e de amor do que de conteúdos e técnicas educativas. Elas têm contribuído em demasia para a construção de neuróticos por não entenderem nada de amor, de sonhos, de fantasias, de símbolos e de dores.”. Eu também acredito nisso! Enquanto olharmos para uma criança e vemos apenas uma máquina de produção de boas notas e brilhantismos, enquanto deixamos isoladas as que não seguem esse padrão, não estaremos educando de fato.

## **4.2 Situações no Sistema de Ensino Integral**

Atuei no SEI de janeiro de 2018 a dezembro de 2019. O SEI foi, sem dúvidas, uma das melhores experiências da minha vida quanto ao cuidado com as crianças. Como relatei na Introdução, lidar nesse segmento me fez ser uma professora ainda melhor, mais humana, mais compreensível, mais sensível às necessidades das crianças com quem lido diariamente.

Dentre os relatos que poderia citar, tenho um que marcou muito minha vida. Há um menino, cuja faixa etária é de 8 anos de idade, que é extremamente inteligente, tem um sorriso incrível e um abraço que dá vida. No entanto, era bem retraído, explosivo e só se alimentava de macarrão sem tempero e vitamina de frutas.

Ele tinha oito anos e só se alimentava assim. Não tinha laudo médico nenhum a respeito desses comportamentos e nós, monitoras que cuidávamos dele, nos esforçávamos muito para ajudá-lo. A mãe era muito ausente e quem cuidava dele era a babá. Só tínhamos contato com a babá, nunca com a mãe.

Ele tinha crises de raiva muito fortes, a ponto de gritar muito e chorar e fazer uma birra enorme. Então, decidi trabalhar com ele com a disciplina positiva e foi uma mudança incrível. Quando ele fazia birra e dizia que não iria fazer determinada atividade, eu baixava e conversava com ele, fazia-o compreender as consequências das suas próprias atitudes.

Com o passar dos dias, ele foi ficando bem mais aberto à conversa, até que não dava mais trabalho nenhum para cumprir a rotina. Pelo contrário, o menino que chorava para ir para casa, amava ficar o dia todo com a gente. Isso é recompensador.

Mas nunca vou esquecer o dia em que o ensinei a pedir as coisas sem precisar fazer “cara feia”. No refeitório, quando não gostava de sua vitamina, seja por estar com pouco açúcar ou com muita espuma, ele fechava a cara e dizia que não ia tomar. Além disso, ele só tomava com colher e se alguém colocasse na boca dele.

Então, eu sentava perto e conversava baixinho com ele. Perguntava o que ele estava sentindo, de que ele precisava e deixava confortável para falar o que estava sentindo. Até que, um dia ele me chamou e simplesmente falou: “Professora, por favor, traz um pouco de açúcar para que eu tome minha vitamina.”. Eu só faltei pular de alegria” Só por ele ter se expressado? Sim! Ele não sabia lidar com o que sentia e naquele dia percebeu que o diálogo é uma solução forte. Levei um pouco de açúcar para ele e ganhei sua confiança. Consegue ver a profundidade disso?

Outro fato incrível foi quando ele comeu uma fruta pela primeira vez. Todos os dias eu oferecia a ele uma banana ou uma maçã e ele recusava veementemente. Então, depois de muito conversarmos com a coordenação, a qual levou o caso à mãe, começaram um tratamento com psicóloga.

Foi aí que as coisas melhoraram ainda mais porque aliou o nosso serviço de apoio, cuidado e amor com o da psicóloga que o instigava a comer uma frutinha nova a cada semana. Trabalhávamos juntos com as metas semanais e o dia que ele comeu metade de uma banana foi incrível. Fizemos uma festa!

Queria muito conseguir passar toda a felicidade que eu sinto quando lembro dessa criança. O amor, a compreensão, o afeto, o apoio foram elos de cura interior, de libertação de si, de vivenciar experiências sensoriais e emocionais que ele não tinha. Ele conseguiu sair do mundo do egoísmo e vivenciar a sociedade com seu tempo, sua rotina e suas necessidades.

### **4.3 Situações nos anos iniciais do Ensino Fundamental**

Comecei a atuar no Ensino Fundamental em 2019, quando fui professora de Geografia, História e de Educação Cristã no 4º ano, quando me deparei com muitas realidades. Por estar em uma escola de classe média, cheguei a pensar que todas as crianças possuíam suporte, atenção, educação diferenciada, mas me enganei.

Muitas famílias, por acharem que pagam caro, querem que haja transformação instantânea, que a criança aprenda a qualquer custo. Quem dera os fatores escola cara e carga de estudo pesada fossem suficientes para moldar alunos brilhantes. Observei que muitos pais apenas disponibilizam dinheiro, mas não tempo e atenção.

Algumas crianças possuem atividades nos três turnos do dia, mas não têm um aconchego, uma conversa com os pais. Isso é muito sério. Lidei com um garoto que costumam chamar de “difícil”. Ele era inteligentíssimo, esforçado, lindo, mas muito

explosivo. O mínimo estresse levava-o a bater, gritar e correr pela escola como se estivesse fugindo de algo.

Além de eu ser professora dele durante a manhã, era monitora do Ensino Integral durante a tarde. À noite, ele tinha outras atividades: natação e reforço escolar. Seus pais eram divorciados e ele vivia com a mãe, a qual trabalhava muito para sustentá-lo. A relação deles era bem compensatória: dou o que você precisa, mas não tenho tempo para você.

Em vários momentos que estive com ele, durante surto de raiva, ele chegou a gritar em minha direção, corria pela escola, apresentava sentimento de inferioridade e abandono. Eu procurava respirar fundo e demonstrava amor e compreensão pelo que ele estava sentindo.

O que ele sentia era mais forte do que ele. Eu respirava fundo e dizia que compreendia o que ele estava sentindo, que ele era muito amado e que ele podia se expressar de outra forma que não machucasse seus amigos. Foram muitas conversas, muitas sessões com o psicólogo e muito amor e muita paciência.

Com o decorrer dos meses, eu pude ver um menino bem diferente. Ainda tentando lidar com a turbulência dentro dele, com a orfandade de pais vivos, mas ocupados demais, com o sentimento de abandono e de compensação, mas se esforçando pra ser melhor para, ao menos, se permitir sentir amado.

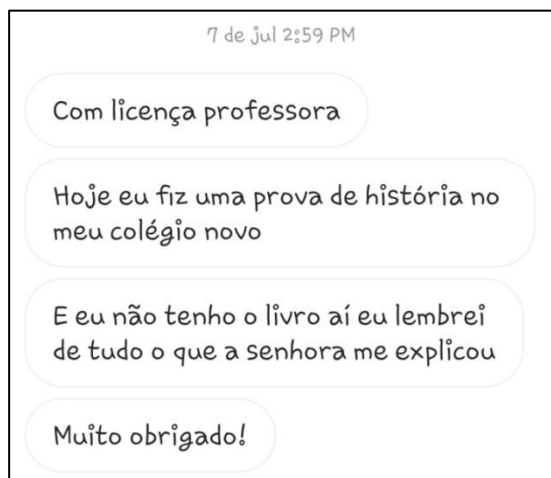
Recentemente recebi uma mensagem dele comentando sobre o 5º ano, sobre as dificuldades que estava sentindo nas avaliações, mas senti-me privilegiada por ter lembrado que em mim poderia confiar.

Outro exemplo que posso citar é de um menino que eu percebia muito tímido durante as aulas de História e Geografia. Ele sempre recebia os livros bem depois do tempo previsto, por isso costumava ficar um pouco disperso e alegava não gostar muito dessas disciplinas.

Durante o início de cada aula minha, separava um tempo para dar palavras de ânimo, incentivo e encorajamento. Falava para minhas turmas o quanto eles são valorosos e capazes e que não permitissem que ninguém fizesse com que pensassem diferente. Que não se desestimulassem com as dificuldades da vida, mas que procurassem forças e ver o ponto positivo diante das situações.

No decorrer do ano, percebi suas notas crescendo, assim como sua animação e concentração durante as aulas. Via em seu olhar que estava ávido pelo próprio crescimento. E, mesmo sem o material, aprendeu muito, prestando atenção nas explicações que eu dava em sala e realizando as atividades em sala.

Recebi, recentemente, uma linda mensagem dele:



Fonte: Arquivo pessoal.

Para mim, não há presente mais valioso do que o reconhecimento de um aluno, mais do que isso, de ver a transformação na vida dele e a própria percepção de que ele é capaz de vencer os obstáculos da vida. É uma felicidade sem tamanho quando vejo as pessoas que passaram por mim crescerem.

Por fim, quero compartilhar uma linda experiência que tive em 2020. Passamos por uma situação bastante delicada, a qual eu pensava que ficaria apenas nos livros de História da antiguidade: a pandemia da Covid-19. Foi bem difícil lidar com algo tão desconhecido e um perigo invisível que matava milhões de pessoas em todo o mundo.

Vimo-nos em um verdadeiro filme de final dos tempos. Estabelecimentos de vendas e serviços fechados, horário e número de pessoas para circulação reduzidos. O que mais víamos funcionando eram hospitais, farmácias, supermercados, padarias e postos de gasolina. Nas ruas, as pessoas deviam andar de máscaras o tempo todo, reféns do álcool em gel. Foram tempos difíceis de quarentena e isolamento social. A escola foi compactada para dentro do computador e, mais uma vez, os profissionais da Educação tiveram de se reinventar para dar conta de tudo, mesmo sabendo que sequelas ficariam.

Trocamos pincel e quadro branco por computadores e celulares. As escolas particulares que não tinham recursos financeiros abundantes sentiram os prejuízos das matrículas canceladas. As escolas públicas preocupavam-se com a alimentação da família pobre que dependia dos alimentos fornecidos. E o ensino? Tinha de ser completamente remoto ou dependia da disponibilidade dos pais para pegarem os materiais impressos na escola ou dos professores que, muitas vezes, enfrentavam o perigo para levar conhecimento e motivação para as crianças em suas próprias residências.

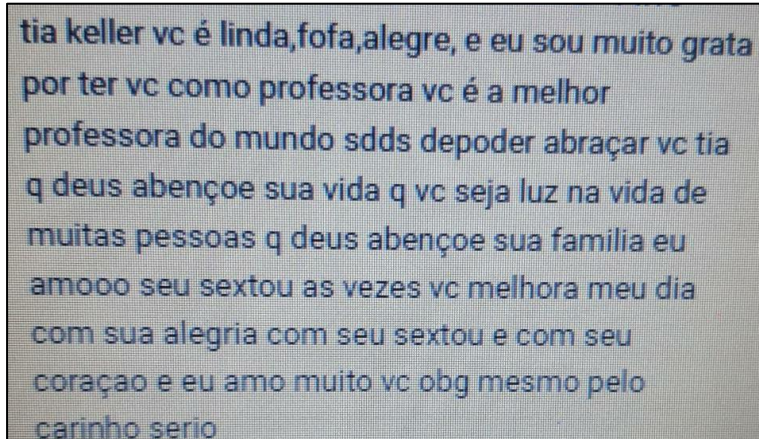
Muitos foram pegos desprevenidos e tiveram de se adaptar à tecnologia, principalmente os que diziam não querer evoluir nisso. Foi a única alternativa. O estresse foi enorme e as doenças psicológicas só aumentaram. Alguns pais viraram professores e reconheceram a grandeza do trabalho docente. Outros desistiram: não suportaram tantas perdas e esperaram o ano passar e, com ele, suas mazelas.

Ministrávamos aula dentro da casa de cada família por meio do computador com a internet e não foi nada fácil. Mas, diante desse cenário de incerteza, medo, novidade e adaptação de uma aula à distância que não tinha o afago, as brincadeiras, a hora do parquinho, a conversa com os amigos, pensei em algo que poderia alegrar a semana dos meus alunos.

Em uma sexta-feira do mês de junho, não lembro a data precisa, pensei: “Iniciarei a aula de óculos escuros e uma música bem dançante para celebrar o ‘Sextou’”. Foi um sucesso! As crianças gostaram tanto que toda sexta-feira era gerada uma expectativa sobre a forma que eu iniciaria a aula, bem como a música que eu usaria. Confesso que foi bom para mim também, vivenciar um tempo de descontração com eles.

A idéia foi tão aceita que algumas mães entram na brincadeira e dançam juntas, vestimos fantasias e, claro, os óculos escuros que viraram a marca registrada do nosso “Sextou!”. De repente, vi-me conhecida pelos corredores da escola, quando já não estávamos mais em casa de quarentena, como “a tia do sextou” que faz as crianças se animarem e se arrumarem. Ainda percebi que as outras professoras gostaram da ideia e as sextas-feiras eram sempre de muito brilho, penteados, fantasias e músicas festivas.

Mais do que ser “a tia do sextou”, eu sinto que trouxe um alívio em meio às dificuldades de adaptação de aulas remotas com crianças que precisam e gostam de estar juntas se socializando. Prova disso são os vídeos que recebo de mães e alunos felizes enquanto dançam e os recados maravilhosos como o abaixo.



tia keller vc é linda, fofa, alegre, e eu sou muito grata por ter vc como professora vc é a melhor professora do mundo sdds depoder abraçar vc tia q deus abençoe sua vida q vc seja luz na vida de muitas pessoas q deus abençoe sua familia eu amooo seu sextou as vezes vc melhora meu dia com sua alegria com seu sextou e com seu coração e eu amo muito vc obg mesmo pelo carinho serio

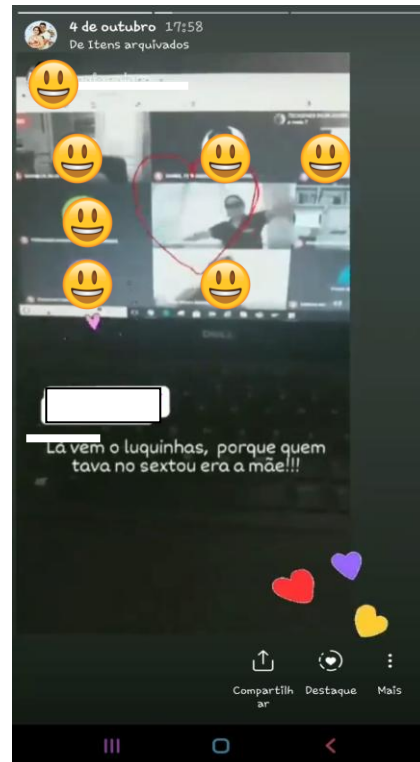
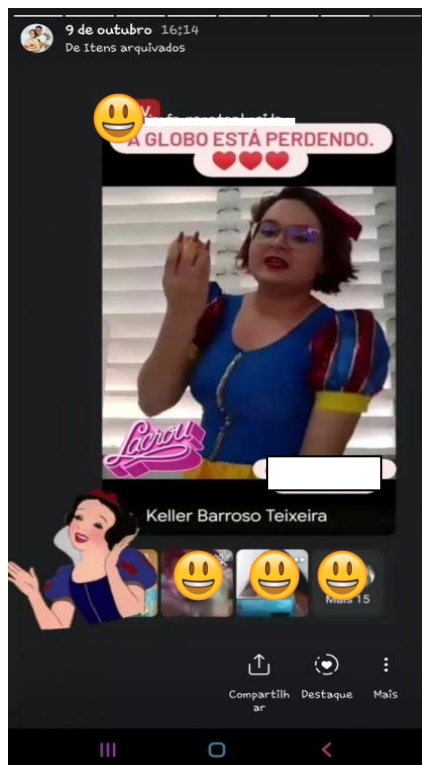
Fonte: Arquivo pessoal.

Não há recompensa maior do que saber que fiz bem a uma criança em um dia ruim.



Fonte: Arquivo pessoal.

Vê-los tão animados por esse momento especial me deixa muito feliz porque é importante lembrá-los de que são crianças e não máquinas para tirar boas notas. Além disso, eles participam mais das aulas e aprendem mais facilmente. Vale ressaltar que o respeito pelo tempo de aprendizado de cada um permanece, o objetivo aqui é deixar o ambiente mais leve em meio às obrigações.



Fonte: Arquivo pessoal.



Outro fato que me deixa muito feliz é a participação da família durante esse processo. Vê-la nesse momento de alegria com seus filhos é um princípio que tenho me esforçado muito para desenvolver, isto é, fazer com que a família entenda que ela faz parte do processo educativo, bem como das vivências de seus filhos e que não é dever apenas da escola.

Com todas as experiências que eu vivenciei, tanto na Educação Infantil, como no Ensino Fundamental 1 e no SEI, pude entender como a Pedagogia do Afeto funciona e que possibilita tanto o crescimento intelectual, o reconhecimento das emoções e dos sentimentos, o gerenciamento das atitudes pensadas e reacionais e um melhor relacionamento em sociedade.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não foi fácil chegar ao fim. Foram muitas memórias, muitos aprendizados, muitas leituras e muitas lutas internas. Acredito que passei exatamente pelos passos que propus, nesta produção, que os professores holísticos vivenciem.

Primeiro, passei pela fase do autoconhecimento, busquei, em meus avessos, quem eu realmente era enquanto Pedagoga. Olhei para minha história e percebi que tudo o que vivi teve relevância para desenvolver quem eu sou hoje. Seja em relação ao aprendizado que obtive, sejam pelos erros que sei que não devo mais cometer em não ter sido dona na minha vida e das minhas intuições. Indaguei-me que tipo de profissional eu gostaria de ser, a comum que se preocupa apenas se seu salário entra na conta no quinto dia útil ou uma revolucionária que, por meio da Educação e do Amor, mudaria vidas. Com certeza, esta última foi minha opção.

Segundo, analisei o que estava fazendo em meus primeiros passos enquanto cuidava das crianças de período integral. Eu já era professora, mesmo sendo uma auxiliar ou monitora, a qual zelava pelo trivial: banho, comida, descanso, tarefas de casa? Sim! Eu sou professora desde o dia que eu decidi amar as crianças e proporcionar para elas um caminho não sofrido para aprender. Eu sou professora quando ensino a tomar banho sozinho, a comer com talher, a vestir a roupa, a amarrar o sapato. Eu sou professora quando nino no momento do descanso e expresso que não sou a mãe, mas que pode confiar em mim. Eu sou professora quando cai e sou o primeiro abraço que encontra. Eu sou professora quando sou humana!

Claro que esses conceitos não poderiam apenas fluir de meu coração, então, procurei teorias que ampliassem essa ideia um tanto quanto maluca de que o afeto influencia o aprendizado das crianças. Encontrei, então, a Pedagogia do Afeto ou Pedagogia Logosófica, que tem na plenitude da vida a base do desenvolvimento. É preciso sentir bem para aprender com zelo e efetividade.

Ainda me encantei pela UNIPAZ, cujo fundador, Pierre Weil, preocupou-se em desenvolver um ensino que integre o ser à natureza e à paz interior. Também percebi que a BNCC tem buscado, por meio de suas competências socioemocionais, uma Educação escolar mais afetuosa desde a Educação Infantil.

Seus pilares ensinam as crianças a serem sociais, a se importarem com o próximo, mas sem, ao mesmo tempo, se esquecerem de quem são, de suas preferências e ideologias. Esse tipo de ensino socioemocional quebra paradigmas de que o emocional não convém na

escola, que apenas o racional será desenvolvido em uma sala de aula ou no meio educacional seja ele qual for.

Por fim, mergulhei em mim mesma. Olhei para minhas práticas pedagógicas, as quais ainda não são como almejo, mas que já percebo que minha essência faz diferença. Claro que, quando vejo que as crianças aprenderam os conteúdos que ensinei, fico muito feliz. Mas quando as vejo tratando o outro com carinho, respondendo respeitosamente, felizes por estarem em um ambiente de vínculo escolar e de confiança, apesar de ser remoto também, eu me realizo enquanto guia de seres brilhantes, de cidadãos de bem, de futuros profissionais qualificados e amáveis que um dia dirão: eu aprendi a ser assim com uma professora que tive. Não podemos olhar para uma criança focando apenas no presente, mas percebendo o que estamos preparando para o futuro. Faz parte da nossa missão enquanto mestres.

Acredito que um dos momentos mais difíceis na elaboração deste trabalho foi olhar para dentro de mim. Estamos acostumados a ler artigos, a ter perguntas, a encontrar respostas em autores renomados, mas e quando a pergunta paira sobre nós e a resposta está dentro de nós, em nossa história?

Não é fácil! Escrevi inúmeras linhas em prantos ao perceber a criança ferida que mora em mim, a aluna limitada em minha vida estudantil, a adulta dependente emocional que quase me tornei. As memórias são a parte da vida mais difícil de encarar, mas, ao mesmo tempo, que dói, cura. No mesmo tempo em que as lágrimas caem, revelam a grandeza de quem nos tornamos e a certeza de que ainda tem muito a nos tornar. Como se não bastasse, passei um momento difícil para todo o mundo que, com certeza, estará nos livros e nas aulas de História no futuro. Foi muito mais cansativo, fora as incertezas quanto ao sustento, à saúde, à própria vida. Mas também foi uma fase de aprendizado, de descobertas, de resiliência constante.

Por fim, tudo valeu a pena e eu pude perceber com minhas próprias experiências que o amor também educa, que, quando demonstramos empatia e confiança, o vínculo com os alunos se fortalece e eles aprendem de forma mais leve. Pode ser que o processo seja um pouco demorado ou que não demonstre o resultado ideal que a gente espera ver na hora, mas, como uma terra arada, plantada e regada, no momento certo, florescerá!

## REFERÊNCIAS

**Bíblia Thompson:** Antigo e Novo Testamentos. Tradução João Ferreira de Almeida. São Paulo: Editora Vida, 2014.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília: MEC, 2017. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf). Acesso em: 15 ago. 2020.

CASASSUS, Juan. **Fundamentos da educação emocional.** Brasília: Liber Livro Editora, 2009.

CREMA, Roberto. **Introdução à Visão Holística:** breve relato de viagem do velho ao novo paradigma. São Paulo: Summus, 1989.

DANTAS, Heloisa. A afetividade e a construção do sujeito na psicogenética de Wallon. In: OLIVEIRA, Marta Kohl de; DANTAS, Heloisa. **Piaget, Vygotski, Wallon:** teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus, 1992. p. 85-100.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GOLDEMBERG, José. O repensar da Educação no Brasil. **Estudos Avançados,** São Paulo, v. 7, n.18, p. 65-173, maio/ago. 1993. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40141993000200004>. Acesso em: 02 set. 2020.

GOLEMAN, Daniel. **Inteligência Emocional:** a teoria revolucionária que define o que é ser inteligente. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

LA TAILLE, Yves de. Desenvolvimento do juízo moral e afetividade na teoria de Jean Piaget. In: OLIVEIRA, Marta Kohl de; DANTAS, Heloisa. **Piaget, Vygotski, Wallon:** teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus, 1992. p. 47-74.

NASCIMENTO, Gilmar dos Santos; SOUZA, Maria Enísia Soares de. Uma visão holística da Educação: da fragmentação à totalidade. **Interletras,** Dourados, v. 19, n. 3, abr./set. 2014.

NUNES, Ana Ignez Belém Lima; SILVEIRA, Rosemary do Nascimento. **Psicologia da Aprendizagem:** processos, teorias e contextos. Rio de Janeiro: Liber Livro, 2011.

PADUA, Ivone. **Pedagogia do afeto:** a Pedagogia Logosófica na sala de aula. Rio de Janeiro: Wak, 2010.

PIAGET, J. **Seis Estudos de Psicologia.** Trad. Maria Alice Magalhães D'Amorim e Paulo Sérgio Lima Silva. 24. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.

RATIER, Rodrigo. Escola e afetos: um elogio da raiva e da revolta. In: CÁSSIO, Fernando (Org.) **Educação contra a barbárie**: por escolas democráticas e pela liberdade de ensinar. 1ed. São Paulo: Boitempo, 2019. p. 151-158.

SALTINI, Cláudio J.P. **Afetividade e inteligência**. Rio de Janeiro: DPA, 1997.

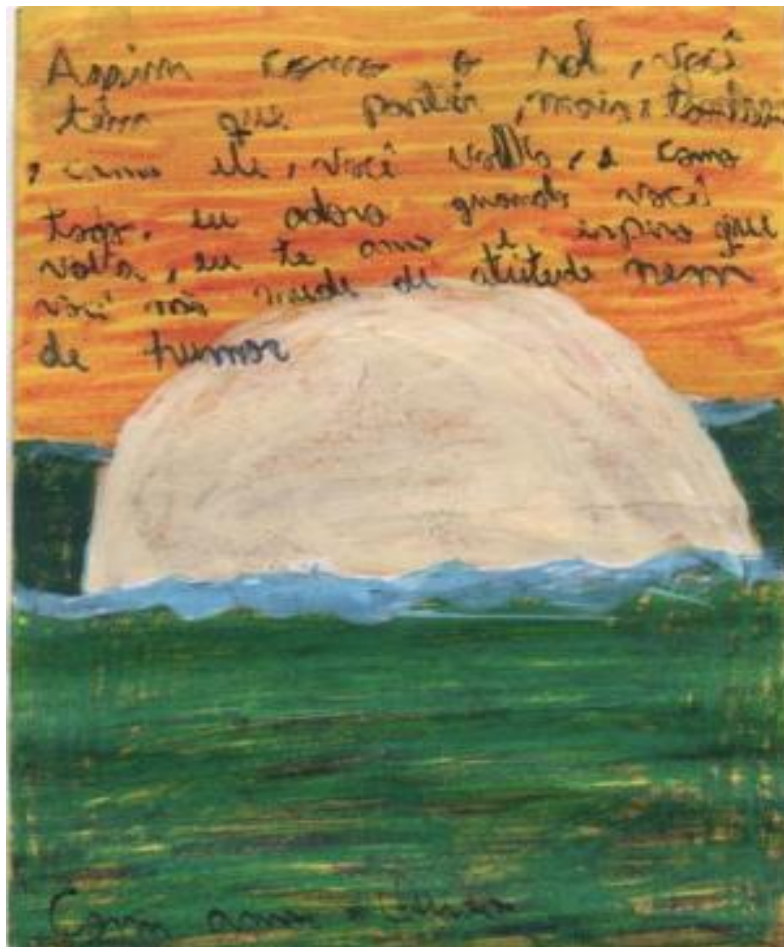
SILVA JÚNIOR, Rômulo Cunha. **Afetividade na Educação Superior**: aventuras de um pedagogo. 2017. 64 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2017.

UNIPAZ. Disponível em: <https://unipazdf.org.br/formacao-holistica-de-base/>. Acesso em: 02 set. 2020.

WEIL, Pierre; D'AMBROSIO, Ubiratan; CREMA, Roberto. **Rumo à nova transdisciplinaridade**: sistemas abertos e conhecimento. São Paulo: Summus, 1993.

## APÊNDICE A – RECORDAÇÕES IMAGÉTICAS DE AFETO

Antes de me despedir, quero dividir um pouco dos tesouros que carrego. Não são as cartas que se deteriorarão com o tempo, mas o sentimento envolvido em cada palavra grafada, no olhar que recebi, no sorriso que conquistei e na culminância de tudo isso que foi a expressão escrita de um vínculo gerado ao longo do ano de 2019 e início de 2020 com meus alunos do 4º ano do Ensino Fundamental.



“Assim como o sol, você tem que partir, mas também com ele você volta, e como todos. Eu adoro quando você volta, eu te amo e espero que você não mude de atitude nem de humor.

Com amor, Duda”

Surpreendi-me quando recebi, pois a autora era uma aluna bem discreta, não demonstrava muito seus sentimentos.



“Obrigada por nos aguentar e também pela paciência que é preciso para cuidar dessa turminha aqui! Mesmo cansada ainda da a melhor aula do mundo!”

“bandeirantes”

O reconhecimento de uma turma que sabe que foi desafiadora em 2019, quando fui professora de História e Geografia.



Nesta imagem de 2019, não há palavras, mas um tempo investido em fazer um desenho com tanto cuidado, cores e carinho, com certeza há amor. Lembro-me do dia em que ele me deu essa produção. O autor, meu estudante, era muito simpático, atencioso e gostava muito de participar. Como eu era professora de História nesse ano e falava das grandes construções e da formação da sociedade, acredito que ele desenvolveu o que estava compreendendo e/ou visualizando e me deu como um sinal de que estava acompanhando.

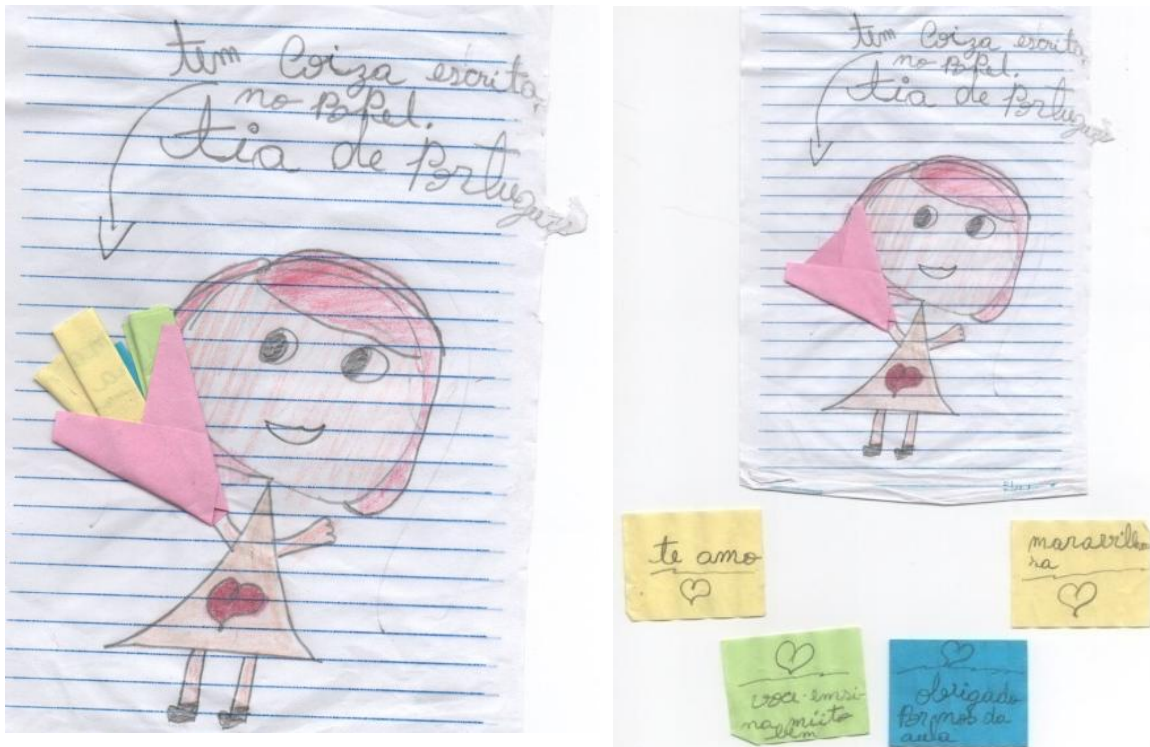




Mais um investimento de cores, força da mão, tempo e afeto para demonstrar um amor. Preciosidade! Recebido em 2019.



Quem achava que eles não prestavam atenção enganado estava. A riqueza de detalhes de alguém só é possível para quem interagia todos os dias comigo. Incrível! Recebido em 2019.



“tem coisa escrita no papel. tia de Portugal”

“te amo”

“você ensina muito bem”

“obrigado por nos da aula”

“maravilhosa”

Recebi no início de 2020 e achei uma criatividade incrível.

**E, assim, eu tenho certeza que algo ficou de mim neles e algo deles em mim.**

**Isso é Educação!**